



Áurea 12

Daniel Silva

DANIEL SILVA

Áurea 12

1ª Edição

Maranhão
Daniel do Nascimento Silva
2015

Título

Áurea 12

Autor

Daniel Silva

Revisão

Luiz Fernando da Cunha Mattos – Ivo da Silva

Capa e montagem final

Daniel Silva

Contato

Silva, Daniel.

Áurea 12 – 1ª ed. – Maranhão: Daniel do
Nascimento Silva, 2015.

115p.; e-Book (14x21cm)

ISBN 978-85-914319-1-5

1. Ficção Científica 2. Ufologia I. Título

xx-xxxxx

CDD-B869.3

“A propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e limitados que um objeto só é nosso quando o possuímos. ”

Karl Marx

“Os donos do capital incentivarão a classe trabalhadora a adquirir, cada vez mais, bens caros, casas e tecnologia, impulsionando-a cada vez mais ao caro endividamento, até que sua dívida se torne insuportável. ”

Karl Marx

Sumário

| | |
|--|----|
| Prefácio..... | 8 |
| Áurea 12 | 10 |
| 1. Um dia comum | 12 |
| 2. O retorno de Barladell | 20 |
| 3. Preparativos para a viagem | 26 |
| 4. O embarque | 30 |
| 5. Medicina avançada..... | 32 |
| 6. Suporte à vida..... | 38 |
| 7. Tentando entender o tempo | 46 |
| 8. Salto espacial | 52 |
| 9. Áurea 12 | 56 |
| 10. Criadores de mundos | 62 |
| 11. A casa de Jorge..... | 66 |
| 12. O pão nosso de cada dia | 74 |
| 13. Alimentando milhões de bocas..... | 78 |
| 14. A educação nas estrelas..... | 80 |
| 15. Direcionamento vocacional | 86 |
| 16. O sistema de méritos e a gestão de recursos..... | 88 |

| | |
|--|------------|
| 17. Medicina avançada..... | 92 |
| 18. Segurança áurea | 96 |
| 19. Arte áurea..... | 100 |
| 20. Riscos em todas as partes | 102 |
| 21. Outras realidades, outras civilizações..... | 104 |
| 22. Mais uma noite no paraíso | 108 |
| 23. Retornando à realidade e além | 110 |
| 24. Acordando de um sonho estranho | 114 |

Prefácio

O que podemos esperar de uma sociedade extraterrestre? Será que o avanço tecnológico anda de mãos dadas com o avanço moral? Será que estamos psicologicamente preparados para compreender uma descoberta dessa magnitude?

Somos fortemente influenciados pela mídia e normalmente fantasiados seres extremamente racionais detentores de tecnologias inimagináveis, com acesso a recursos infinitos, imunes a doenças, livres de mazelas sociais e vivendo em cidades incríveis. Uns acreditam que são seres benevolentes que atuam apenas para a nossa evolução moral e outros que são seres essencialmente malignos que maquinam em segredo para nos controlar.

Independentemente do que podemos imaginar se tomarmos como exemplo o desenvolvimento da própria raça humana a perspectiva não nos é favorável. Já percorremos um longo caminho até os dias atuais. Hoje convivemos com recursos tecnológicos e avanços sociais impossíveis há algumas poucas décadas atrás. Apesar de nos considerarmos mais racionais, mais responsáveis e

socialmente mais evoluídos, ainda continuamos a cometer atrocidades impróprias até mesmo para os nossos mais primitivos ancestrais.

O homem moderno, apesar de toda a desgraça causada por incontáveis conflitos, por inúmeras ações irresponsáveis contra o meio ambiente, ainda não se deu conta que sobrevivemos em um orbe diminuto de recursos limitados que pode ter sua capacidade de abrigar a vida, como a conhecemos, irreversivelmente comprometida por nossos atos impensados.

Há milhares de anos o homem contempla as estrelas. Há milhares de anos evidências são apresentadas. A cada novo nascer do sol a esperança na verdade se renova e não podemos permitir que ela morra. É necessário entender que a forma mais prática de esconder uma verdade não é negá-la, mas simplesmente desacreditá-la por meio da desinformação e banalização da mesma. E, infelizmente, nossos governantes são hábeis nesses aspectos.

Áurea 12

Tudo começou numa viagem de negócios pelas estradas do nordeste brasileiro onde acontecimentos incríveis culminaram em um contato imediato de quinto grau. *Áurea 12* dá continuidade aos fatos relatados em *Destino Fortaleza*¹. Nessa nova história Barladell nos surpreende novamente ao retornar e propiciar uma viagem nunca antes esperada que certamente cria mais um grau na classificação dos contatos entre humanos e extraterrestres: quando a testemunha é levada para conhecer um planeta alienígena e retorna em segurança para a Terra.

Não tenho como determinar as reais intenções de Barladell e novamente pergunto: “– *Por que eu?* ”.

¹ Obra do mesmo autor publicada em meados de 2012.

1. Um dia comum

Acordei sobressaltado com o som do despertador. Pelas cortinas da janela passavam os primeiros raios do sol. Eram cinco horas da manhã. Permaneci deitado por alguns instantes tentando lembrar o motivo de ter ajustado o despertador para aquele horário. Ultimamente eu estava tendo lapsos de memória ao acordar pela manhã. Minha esposa já havia comentado que meu sono estava muito agitado e que eu sussurrava coisas desconexas durante grande parte da noite nos últimos meses.

Levantei e sentei na lateral da cama, de repente lembrei: eu tinha uma entrevista de emprego agendada para as oito horas e não deveria me atrasar. Fui logo para o banheiro, escovei os dentes, fiz a barba e tomei um bom e demorado banho quente. No *closet* escolhi uma roupa discreta para a entrevista: calça *jeans*, tênis e uma camisa polo. Me vesti, peguei alguns documentos, comprovantes e fui para a copa comer alguma coisa.

Minha esposa havia saído para a caminhada matinal e tinha deixado preparado um suco de laranja com torradas. Pela janela da

cozinha o sol já mostrava o seu poder. Tudo indicava que seria mais um dia de estorricar nossas cabeças.

Durante o desjejum liguei a televisão e assisti alguns blocos de um desses programas sensacionalistas que cobrem crimes e acidentes ao vivo. Não me impressionava mais o fato de que mesmo estando em pleno século XXI ainda existiam homens que agiam com extrema barbárie contra seus semelhantes. Mortes violentas, acidentes, crimes ambientais, catástrofes naturais mais e mais comuns. Já estava entorpecido com tudo aquilo e para mim eram apenas situações comuns do dia a dia.

Acabei o café, peguei o carro e fui para a entrevista. O relógio do veículo indicava que ainda eram seis horas, mas o trânsito já estava insuportável. Durante todo o trajeto fiquei pensando onde a humanidade pretendia chegar com a desculpa do crescimento econômico, da livre iniciativa, do livre comércio. Toda essa “liberdade” estava se sobrepondo ao bem-estar comum e ninguém se dava conta disso.

Há vários anos os gestores da minha cidade já se mostravam preocupados com o aumento constante do número de carros nas ruas.

Então planejaram e executaram obras de melhorias viárias. Foram ampliações, construção de elevados, de novas avenidas, centenas de semáforos e outras melhorias. Na inauguração de uma dessas obras, um funcionário do governo vangloriava-se numa reportagem de TV dizendo que aquela construção havia sido projetada para absorver o crescimento do trânsito durante os próximos dez anos. E realmente, naquela época, não havia motivos para discordar. Só que a obra não suportou mais que dois anos de crescimento.

Acredito que em outras cidades do mundo ocorram as mesmas situações. O crescimento humano é exponencial. Hoje substituímos casas por edifícios, ruas por avenidas, áreas verdes por plantações, avançamos sobre rios e mares. Nosso discurso foca o crescimento constante, mas até aonde queremos chegar, já que vivemos num planeta de recursos limitados?

Cheguei ao local da entrevista em cima do horário marcado. Levei quase uma hora e meia para me deslocar pouco mais de quinze quilômetros. Algumas outras pessoas já estavam no local. Acredito que eram outros candidatos. Apresentei-me na recepção e fiquei aguardando a minha vez. Após um longo chá de cadeira, uma moça

abriu a porta e falou o meu nome. Fui até a sala e a entrevista começou.

Ela se apresentou como Psicóloga e em seguida fez uma explanação sobre a empresa contratante e a oportunidade oferecida. Manifestei minha intenção em ocupar a vaga. Ela então me entregou alguns testes, me explicou como preenchê-los e me encaminhou para uma segunda sala onde outras pessoas já preenchiam os formulários.

Naquele momento um pensamento me veio à cabeça: nos consideramos como seres livres, mas não temos o direito de nascer, de crescer, de envelhecer, nem mesmo de morrer sem pagar algo a alguém. Em troca dessa liberdade vivemos numa escravidão onde as regras são orientadas pelo dinheiro. Algum tempo depois a Psicóloga retornou e recolheu todo o material.

Continuei aguardando na sala. Ocasionalmente a Psicóloga abria a porta e chamava um candidato. De repente ela chamou o meu nome. Voltamos para a primeira sala e o jogo de gato e rato começou. Ela com as perguntas clássicas e eu com as respostas adaptadas para cada situação. No final, me agradeceu pela participação e, como eu havia sido aprovado na primeira etapa, me

pediu que aguardasse o contato da empresa para agendar uma nova entrevista.

Ela não comentou, mas na saída, conversando com os outros candidatos, constatei que vários deles haviam sido aprovados também e estavam retornando para casa com a esperança de um novo contato. A partir daquele momento senti que a próxima etapa do processo seria o leilão de salários para ver quem pedia menos. A verdade é que existe uma grave dissonância entre crescimento populacional, geração de oportunidades e crescimento econômico.

Deixei o escritório da agencia de recrutamento por volta das treze horas. Resolvi parar num restaurante qualquer para almoçar, pois o trânsito ainda estava insuportável e provavelmente eu chegaria muito tarde em casa. Parei no primeiro restaurante com estacionamento disponível. Entrei e fui diretamente ao banheiro me lavar. Quando saí, percebi que o movimento já estava acabando. Peguei minha comida e sentei próximo a uma divisória de vidro.

Do outro lado era possível observar a cozinha do restaurante. De um lado uma bancada com fogão e utensílios elétricos; do outro, uma pia grande com armários no alto da parede. Um funcionário

limpava os pratos usados raspando os restos de comida para dentro de grandes sacos pretos. No chão, ao lado da pia, existiam três ou quatro sacos daqueles cheios e amarrados que certamente iriam para o lixo comum. Esse é o mundo em que vivemos, enquanto uns desperdiçam comida, outros passam fome por falta dela. Mas o que manda é o dinheiro e sem sombras de dúvidas o custo daquele “lixo” já estava embutido no valor do meu consumo sem falar no custo ambiental que sequer era contabilizado.

Terminei o almoço e comecei a sentir aquela velha dor nas costas que já me acompanhava há alguns meses. Ao sair do restaurante resolvi passar num posto de saúde perto de casa para agendar uma consulta com o ortopedista. Cheguei ao posto, a atendente me recebeu com uma cara de poucos amigos. Expliquei minha situação e informei que gostaria de agendar uma consulta. Ela olhou no sistema e respondeu: “— *Ok senhor, a próxima vaga é para daqui há ... quatro meses! Posso agendar?* ”. Olhei para ela atônito sem saber o que responder. Deixei-a falando sozinha e fui embora. Teoricamente os impostos que pagamos deveriam garantir o mínimo de dignidade, de acesso a saúde, segurança e outros serviços básicos, mas na maioria dos casos não conseguimos serviços públicos de qualidade.

Cheguei em casa cansado, tomei um banho para refrescar a cabeça, liguei a TV, sintonizei num canal a cabo de notícias 24h e me sentei para assistir as últimas reportagens. O apresentador relatava mais um ataque terrorista no sul de Israel. Chamava a atenção para o aumento do nível de tensão no oriente médio e na insistente postura dos Estados Unidos de se meter em tudo usando a velha desculpa de guerra ao terror. Um crítico alarmista comentou que a cada dia que se passava estávamos mais próximos de um novo confronto global.

Num segundo bloco foi vinculada a notícia de mais um terremoto, de 6.2 graus na escala Richter, ocorrido no Golfo do México. As autoridades americanas chegaram até a emitir um alerta de tsunami para a Flórida e arredores. Mas felizmente nada ocorreu além de algumas ondas com altura um pouco fora do normal.

Na sequência, uma matéria especial sobre as últimas reservas naturais intocadas no coração da África. O apresentador montou uma contraposição entre as áreas intocadas e o aumento constante da necessidade de novas áreas para a agricultura. Fiquei pensando o quanto era crescente a veiculação de notícias sobre conflitos entre nações, desastres naturais, crimes hediondos e outros fatos ruins.

Será que a coisa está realmente piorando? Ou seria apenas o efeito da globalização das comunicações?

Continuei assistindo as reportagens, cochilei e acabei viajando em pensamentos sobre a nossa sociedade. Atualmente já temos discernimento suficiente para entender as consequências futuras das nossas ações, mas preferimos desfrutar os benefícios transitórios e relegar às gerações futuras a responsabilidade de desenvolver novas soluções e corrigir os desvios provocados. Quando iremos realmente buscar opções viáveis ao uso do petróleo e do carvão? Quando vamos enfrentar o crescimento populacional desordenado? Quando vamos tomar ações eficazes de proteção ambiental? Quando vamos tratar o nosso semelhante da forma que gostaríamos de ser tratados?

2. O retorno de Barladell

Desde o encontro com Barladell, há alguns anos atrás. Fiquei mais suscetível a estas questões, qual a lógica em usufruir de tudo que a Terra tem a nos oferecer sem deixar as mínimas condições para que as gerações futuras possam também usufruir dos mesmos benefícios? A fato de não estarmos mais aqui nos próximos 50, 80 ou 100 anos, nos isenta da responsabilidade pelo futuro do planeta? O que nos adianta acumular riquezas e mais riquezas se nosso destino certo e derradeiro é a morte?

A reencarnação como base essencial está presente, há milhares de anos, em diversos fundamentos religiosos e até filosóficos. Tenho plena convicção nessa ideia e dessa forma considero a raça humana como seres extremamente proativos, pois estamos simplesmente adiantando a sepultura para a nossa próxima vinda a este planeta. E como último desejo não gostaria de retornar à Terra em tempos futuros.

Acordei por volta das dezenove horas. Eu estava deitado no sofá com a televisão ainda ligada. Achei estranho, pois não havia

percebido que estava tão cansado. Fui à cozinha e tomei um gole de café para despertar. Minha esposa ainda estava lá fora e só iria retornar mais tarde. Tomei um banho, fui até o quarto, deitei-me na cama, comecei a ler *Destino Fortaleza* e acabei caindo no sono novamente.

No meio da noite acordei, tentei me mexer, mas não conseguia movimentar um músculo sequer, eu estava totalmente paralisado. Com muito esforço consegui balançar a cabeça de um lado para o outro. Era possível perceber a luz do luar clareando as cortinas da janela. Virei para o lado e minha esposa estava dormindo. Tentei chamá-la, mas não conseguia emitir qualquer som.

De repente fui envolto por uma fluorescência azulada e senti meu corpo leve. Comecei a flutuar lentamente em direção ao teto do quarto. O silêncio era absoluto. Parecia que o tempo havia parado. Durante a subida, meu corpo foi posicionando-se na vertical e pude me ver deitado na cama ao lado da minha esposa. Já possuía alguma liberdade de movimentos, mas não conseguia entender ou controlar o que estava ocorrendo.

Não entrei em desespero. Mantive-me calmo e sem fantasiar o que poderia ocorrer posteriormente. Continuei a subir. Passei pela laje e pelo telhado como se eles simplesmente não existissem. Estava flutuando em cima da minha casa e conseguia visualizar os arredores da residência. Olhei para cima e percebi que estava sendo puxado para o mormaço.

Continuei subindo e só parei quando estava próximo da nave a uma altura estonteante. Não era possível vê-la, mas eu reconheceria aquele contorno em qualquer lugar. Uma luz muito branca e brilhante ofuscou a minha visão. Quando ela começou a diminuir de intensidade, eu estava dentro da nave, de frente para Barladell, numa sala totalmente branca: “— *Como está você meu amigo?* ”, disse ele. Fiquei atordoado com aquela situação. Era uma sensação estranha. Conseguia me movimentar, mas não sentia efetivamente o meu corpo físico. Então perguntei: “— *Isso é real? O que está acontecendo? O que o traz de volta aqui?* ”.

“— *Sim, é real! Mas o que está aqui agora é apenas a sua consciência ...*”; “— *A minha consciência?* ”, perguntei. “— *Sim! Você está dormindo um sono profundo. Está num estado induzido de projeção da consciência. Ao acordar, você terá a impressão de que*

tudo não passou de um sonho, mas saberá que o encontro foi real. Esta é uma maneira de conversarmos de uma forma mais sutil. Sem que o contato físico seja necessário”.

“— Você não imagina o quanto lhe sou grato pela aquela noite. Se não fosse a sua ajuda, minha existência teria findado naquele momento. Em breve estarei retornando para o meu planeta natal, pois minha missão nessas paragens chegou ao fim. Como forma de agradecimento gostaria de lhe convidar para visitar uma de nossas colônias que fica nas cercanias do seu sistema solar. É um planeta pequeno, um pouco menor que a Terra. Com clima muito agradável e estável. De lá você retorna para a Terra e eu sigo viagem para a Constelação de Órion”.

Eu não soube nem o que responder. Eu já não sentia o corpo físico, então entrei num estado de dormência total e passei a não sentir mais nada, após ouvir aquele convite. Barladell percebeu que eu estava em choque, então me tocou no braço e continuou a falar: *“— Infelizmente este convite só se aplica a você. Não será necessária nenhuma preparação especial. Na verdade, você não precisa se preocupar com nada. Todas as suas necessidades serão supridas até o seu retorno a Terra ...”.*

O que fazer? Será que eu deveria aceitar aquele convite? O momento não era propício para deixar a minha família e embarcar numa viagem interplanetária que certamente iria durar algum tempo, talvez um longo tempo. Anos atrás eu já havia obtido a resposta para um dos grandes questionamentos da humanidade. A coisa foi tão repentina e não tive como provar os fatos para ninguém. A única evidência física havia sido posteriormente devolvida ao dono. Mas agora poderia ser diferente. Certamente eu teria algum tempo para me preparar. Poderia providenciar uma boa câmera digital, quem sabe também, um desses gravadores portáteis para gravar todas as minhas impressões durante a viagem. Seria uma oportunidade única. Além de comprovar a existência de outros mundos habitados eu teria evidências em mãos. Poderia ... “— *Você aceita o meu convite?* ”, perguntou Barladell. Afirmei que aceitava o convite, então Barladell disse que voltaria para me buscar na próxima madrugada. Eu deveria descansar e aguardar a sua chegada no quintal de casa exatamente às duas horas da manhã.

Novamente minha visão foi ofuscada pela luz brilhante. Ela estava mais forte do que antes. Senti uma sensação estranha de leveza e notei que a luminosidade diminuía lentamente até chegar à

total escuridão. Abri os olhos e percebi que havia retornado para a minha cama. O barulho do ar condicionado denunciava que estava tudo normal. Olhei para o lado e minha esposa continuava dormindo. Levantei, fui até a janela e ainda fui possível ver o mormaço partindo lentamente.

Como Barladell havia comentado, a sensação era de ter acordado no meio de um sonho muito estranho. Se não fosse a visão da nave partindo eu não teria acreditado no que aconteceu. Naquele momento evitei pensar no assunto e voltei a dormir.

3. Preparativos para a viagem

Acordei às sete horas. Estava ansioso com a possibilidade da viagem e não sabia como iria contar a “novidade” para a minha esposa, que ainda não havia retornado da caminhada matinal. Quando lhe falei sobre o primeiro contato tive a impressão de que ela não acreditará totalmente na minha história e fiquei receoso de lhe falar sobre o convite.

Contrariando a recomendação de Barladell fui até o sótão buscar uma mala de viagem. Trouxe-a para o *closet* e comecei a escolher o vestuário. Nesse momento minha esposa adentrou o quarto perguntando o que eu estava fazendo. Pedi que ela se sentasse e contei sobre o encontro da noite passada. Durante todo o relato permaneceu calada e não indagou nada. Senti que não acreditará em nada do que eu havia lhe contado. No final da conversa me disse que havia sido convidada, de última hora, para um seminário na universidade que se estenderia até o final da noite e que ao retornar, conversaríamos sobre essa viagem.

Ela se arrumou, nos despedimos, então saiu às pressas para o seminário. Retornei ao quarto e fiquei em frente ao *closet* tentando imaginar o que deveria levar. Lembrei que Barladell mencionou um “*clima muito agradável e estável*”. Separei calças *jeans*, camisas leves, cuecas, meias, toalhas e fui arrumando tudo dentro da mala. Peguei também a minha câmera de 10 *Megapixels* que possuía recurso de zoom ótico de 10x. Limpei o cartão de memória e coloquei as baterias para carregar. Seria o suficiente para bater umas 2.000 fotos de boa qualidade. Também troquei as pilhas da velha lanterna de LED e joguei-a na mala. Estava tão apreensivo que as horas pareciam minutos. Temia que não conseguisse me organizar a tempo para a viagem.

Parei por alguns instantes e comecei a rir de mim mesmo. Eu não sabia qual seria o destino; quais seriam as condições da viagem; quanto tempo tudo levaria e, mesmo assim, estava me preparando como se fosse fazer uma simples viagem. Foi apenas um momento de lucidez. Olhei para as gavetas de roupas e retornei imediatamente ao frenesi.

Peguei um nécessaire no armário e a enchi com antitérmicos, analgésicos e antiácidos. Peguei também barbeador, desodorante,

calçado reserva e fui jogando tudo dentro da mala. Era um modelo tamanho G, de oitenta centímetros de altura. As baterias da máquina digital já estavam carregadas. Acomodei a câmera no interior da mala e a fechei, pois não pensava em mais nada que pudesse levar. A mala estava pesada. Se eu fosse viajar de avião certamente pagaria um caro excesso de bagagem. Sentei para descansar e percebi que já passava das treze horas. Estava tão nervoso que não sentia nem fome. Procurei me acalmar, fui até a sala, liguei a TV e sentei no sofá para relaxar um pouco a mente. Deixei-me levar pela programação e acabei adormecendo.

Por volta das dez horas, minha esposa retornou. Disse que havia chegado mais cedo porque os alunos tinham sido liberados antes devido à ausência do professor que ia apresentar o seminário. Perguntou também, com um ar um tanto sarcástico, o porquê de ainda eu não estar preparado para a viagem. Não dei atenção à provocação. Voltei para o quarto, tomei um banho, me aprontei e fiquei consumindo o tempo através da leitura de um desses impressos periódicos de notícias gerais.

Mais uma vez as notícias não eram boas. Inflação, corrupção, terrorismo, crise econômica generalizada, desastres naturais causados

pela interferência humana, intolerância religiosa, intolerância racial, crime organizado, protestos civis violentos. As poucas notícias alentadoras não sobrepujavam o sentimento de que a sociedade humana está trilhando um caminho perigoso e de destino incerto.

De repente uma mensagem no celular denunciou o horário. Faltavam pouco mais de quinze minutos para as duas da manhã. Acordei minha esposa e convidei-a para me acompanhar até o os fundos da casa. Ela acordou meio rabugenta, mas concordou em me acompanhar. Peguei a mala e fomos até o quintal. A única forma de acessar externamente o local seria através de uma pequena área descoberta, de uns 8m². Não conseguia imaginar como Barladell chegaria até ali, o que me atiçou ainda mais a curiosidade.

Retirei o celular que estava no bolso da minha camisa e comecei a acompanhar o horário. Minha esposa ficou parada há alguns centímetros atrás de mim. Desconfio que ela já deveria estar com dúvidas sobre a minha sanidade mental. Por isso apenas acompanhava a situação para ver o que realmente iria acontecer.

4. O embarque

Exatamente às duas horas da manhã, um tubo de luz violeta, que lembrava luz negra, surgiu a minha frente. Olhei para trás e minha esposa estava completamente estupefata. Voltei minha atenção para o tubo de luz. O mesmo havia descido sobre um varal de roupa vazio, então surgiram, em seu interior, ondulações horizontais brancas num fluxo ascendente de energia quase imperceptível. Nesse momento a parte do varal que estava sendo irradiada pela luz começou a subir lentamente, tencionou suas fixações e partiu-se. Olhei para minha esposa, fomos um pouco à frente e olhamos para cima. O pedaço do varal continuou subindo, cada vez mais rápido, até se perder no céu.

Não era possível identificar a origem do tubo de luz e aquela coisa havia acabado de partir uma corda de poliéster de 4mm, que suportava mais de 150Kg. Comecei a ficar receoso. Eu e minha esposa recuamos. Ela me olhou nos olhos e perguntou se eu tinha realmente certeza do que estava prestes a fazer. Respirei fundo, peguei a mala e entrei na luz. Somente nesse momento pude perceber que o diâmetro do tubo era um pouco maior que o meu corpo. Tentei

puxar a mala para junto de mim, mas ela ficou fora do túnel de luz. Comecei a flutuar lentamente e segurei a alça com todas as minhas forças. Num certo instante a mala enganchou na madeira da borda do telhado e não tive como desprende-la. Continuei subindo e a alça partiu-se. Num efeito estilingue, uma peça metálica da mala resvalou e cortou-me o antebraço direito. Olhei para baixo e meus pertences estavam todos espalhados pelo chão.

A velocidade de subida começou a aumentar. Olhei para baixo e vi minha esposa acenando para mim desolada com a situação. Eu já estava muito acima do nível do telhado de casa, então coloquei a mão sobre o corte para estancar o sangramento. A velocidade aumentou mais ainda ao ponto de sentir uma pressão incomoda no estômago. Já era possível visualizar todo o bairro daquela altura. Comecei a ter calafrios.

De repente a velocidade começou a diminuir. Olhei para cima e pude perceber uma estrutura metálica com uma abertura de onde saía o tubo de luz. A velocidade reduziu mais ainda e passei pelo vão. Assim que adentrei totalmente no local, a abertura sob os meus pés fechou-se e o tubo de luz desapareceu.

5. Medicina avançada

Eu estava numa sala redonda com paredes brancas sem nenhuma janela. Uma porta se abriu a minha frente e ele apareceu, Barladell. Cumprimentou-me e pediu que eu o seguisse. Era estranho ouvir novamente aquela voz dentro da minha cabeça. Eu o segui até um corredor. Notei que a nave era bem mais ampla, com certeza não era a mesma do primeiro contato.

Ele percebeu que eu estava machucado e indagou o que havia ocorrido. Disse-lhe que tinha perdido minha bagagem na subida e que por esse motivo havia sofrido um pequeno acidente. Imediatamente advertiu-me dizendo que havia avisado que eu não precisaria me preocupar com nada, que todas as minhas necessidades seriam supridas. Acionou o dispositivo, aquele que ficava embutido em sua vestimenta, na altura do antebraço e proferiu alguma coisa. Foi a primeira vez que ouvia Barladell falar, no sentido literal da palavra. Era um idioma estranho e totalmente incompreensível aos meus ouvidos.

Alguns segundos depois, outro ser surgiu pelo corredor e veio em minha direção. Pegou o meu braço e olhou-o como se estivesse avaliando o ferimento. Então se virou para Barladell e conversaram. Eu não conseguia entender nada do que estava sendo dito. Barladell parou, olhou para mim e pediu que eu acompanhasse o outro ser, que seria um oficial médico. Disse que ele iria me ajudar e que mais tarde nos encontraríamos para conversar sobre a viagem.

Acompanhei o ser pelos corredores da nave e entramos numa sala. No interior existia uma bancada branca, feita de algum material brilhante. Do outro lado da sala existiam dois conjuntos de camas com visores acoplados nas laterais das mesmas. Uma voz na minha cabeça pediu que eu sentasse em uma das camas e estendesse o braço. Então percebi que ele estava se comunicando comigo. Notei que as camas eram desproporcionais a estatura daqueles seres. Eram bem maiores do que eles. Na verdade, todos os ambientes em que eu havia passado até aquele momento pareciam desproporcionais a aqueles pequenos seres.

O ser se aproximou com um aparelho na mão, que havia retirado de uma gaveta da bancada. Pediu-me para ficar calmo e disse que tudo ficaria bem. Então posicionou-o uns dois centímetros

acima do corte e pressionou alguns símbolos em alto relevo em sua lateral. O equipamento emitiu uma luz vermelha que deixou a minha pele formigando e começou a movimentá-lo sobre o corte. Enquanto passava, a luz pulverizava pelos, sangue coagulado e qualquer sujeira que existisse em volta do corte. A luz estancou também os últimos pontos de sangramento. Disse que eu não deveria me preocupar. Foi em direção a uma das paredes da sala e tocou em uma determinada área. Um retângulo se formou na parede e surgiu a imagem da Terra em meio as estrelas.

Falei que era uma bela paisagem da Terra e bruscamente ele me interrompeu dizendo que aquilo não era uma paisagem, era a Terra ao vivo, ele simplesmente havia aberto uma escotilha da nave e completou: “—*Estamos na órbita da Terra aguardando uma janela para o nosso destino. E a propósito, você pode me chamar de Akisnum*”. Nesse momento ele se dirigiu até a bancada, abriu a gaveta, guardou o aparelho e retornou com outro item na mão.

Akisnum pediu que eu estendesse o braço novamente. Eu não sentia mais nenhuma dor. De dentro de um tubo pequeno tirou uma porção de uma substância amarelada e aplicou-a levemente sobre o corte. Aquele seria um composto de nano-reparadores programados

para trabalhar com o meu tipo de DNA, informou ele. Os nano-reparadores penetrariam na lesão e promoveriam o reparo a nível molecular. Após concluir o trabalho eles se desativariam e seriam completamente absorvidos pelo organismo, completou. Enquanto ele aplicava o composto comecei a sentir um leve incomodo na região do corte. Tive a impressão que alguma coisa se mexia dentro da lesão. Procurei esquecer o braço e voltei a admirar a Terra pela escotilha da nave que aparentemente estava parada.

Lembrei-me das teorias conspiratórias sobre a constituição da Terra e perguntei: “— *Será que ela é oca?* ”. Akisnum parou de massagear o composto no corte, olhou para a escotilha e falou: “— *Não, a Terra não é oca! Ela possui regiões habitáveis em seu interior, mas nada que se compare a uma estrutura oca. Essas regiões são habitadas por uma variante, física e socialmente mais avançada, dos homens que vivem na superfície. Há muito tempo atrás, essa sociedade subterrânea, suspendeu o contato com a superfície. Foram eles que difundiram o conceito de inferno nas entranhas da Terra para evitar que alguém tentasse contatá-los. As passagens foram lacradas e hoje só é possível entrar ou sair do mundo subterrâneo através de acessos submersos e alguns portais terrestres remotos.* ”.

Akisnum voltou à atenção para o ferimento e disse que já estava tudo bem. Olhei para o braço e o corte já estava totalmente fechado. Era possível ver apenas uma pequena linha amarela na pele, no local onde o corte havia ocorrido. Então pediu que eu relaxasse e deitasse na cama. Assim que deitei, ele acionou uma tela na lateral da cama e um feixe de luz vermelha idênticos a *lasers* escaneou toda a extensão do meu corpo.

Após alguns segundos Akisnum começou a falar: “— *Atividade cerebral normal; ... normal; ... normal. Você está com a pressão sanguínea alterada ... e a taxa de compostos também. Normal; ... levemente alterado. Pequena presença de parasitas no intestino. Normal ...; normal. Princípio de inflamação na musculatura das costas. Normal. Peso desproporcional. Leve redução de capacidade auditiva e de visão. Normal e ... normal. Não temos com o que nos preocupar. Você vai suportar bem a viagem. Pode se levantar*”.

Não fiquei tão impressionado com o relatório que Akisnum havia preparado sobre a minha condição física em apenas alguns segundos. Eu já estava me sentindo mais aberto às novidades. Ele desligou o equipamento, guardou o composto de nano-reparadores na

bancada e se retirou da sala. Antes de sair disse que tinha que assumir outras responsabilidades na nave, pediu que eu relaxasse e aguardasse Barladell, que retornou algum tempo depois com uma vestimenta nas mãos idêntica a dele. Assim que entrou na sala, Barladell pediu que eu vestisse aquele traje e saiu do recinto para que me sentisse mais à vontade. Disse ainda que eu não deveria ficar com nenhuma peça de roupa sob mesmo.

6. Suporte à vida

Peguei-o nas mãos e comecei a analisar aquela estranha vestimenta. Era um tipo de macacão em peça única, inclusive para os pés, com uma abertura frontal que não possuía nenhum dispositivo de fechamento visível. Externamente não era possível identificar nenhuma trama de tecido, parecia ser feito de pequenas escamas octogonais de cor cinza claro. Internamente era branco de toque aveludado. Em alguns pontos possuía protuberâncias como se contivessem algo embutido naqueles locais. A manga direita, na altura do punho, possuía uma tela escura idêntica à de Barladell. Da gola saíam os dois tubos flexíveis que aparentemente possuíam a função de respiradores.

Tirei toda a roupa e vesti o traje. Ele ficou extremamente folgado e não conseguia fechá-lo ou ajustá-lo ao corpo. Nesse momento Barladell retornou à sala. Pegou no meu braço esquerdo e apontou para um símbolo em alto relevo na parte interna do punho. Pressionei aquela marcação e o traje começou a fechar e a encolher lentamente até se ajustar ao meu corpo numa leve pressão. Os tubos da gola também se ajustaram ao meu rosto e posicionaram-se um

pouco abaixo das minhas narinas. A tela no meu antebraço acendeu e percebi que estava fornecendo informações em português em duas colunas distintas: Integridade do traje: 100%; Nível de força: 98%; Nível de proteção: 100%; Estabilização interna: 24°C; Reserva respirável: 80%; Comunicação: Ligado; Tradutor universal: Ligado. Quando o ajuste da roupa havia finalizado Barladell pediu para segui-lo.

Peguei meus pertences que estava em cima de uma das camas e quando embrulhava tudo encontrei o celular no bolso da camisa. Olhei para o *display* e os dois *chips* não apresentavam sinal. O relógio marcava quatro horas da manhã. Por ironia do destino, eu havia me preparado tanto para essa viagem e acabei ficando apenas com um celular comum em minhas mãos, que nem mesmo, câmera possuía. Desliguei o aparelho e andamos pela nave. No caminho cruzei com diversos outros seres. Eles pareciam não se importar com a minha presença. Acredito que já estavam acostumados com visitantes na nave.

Continuamos a andar e entramos num corredor com diversas portas. Ele parou em frente a uma delas e pediu que eu entrasse. O compartimento era um tipo de dormitório. Era estreito. De um lado

da parede existia uma cama com uma estrutura na parte de cima que certamente seria um armário. Do outro lado, um espelho de possivelmente um metro de largura por uns cinquenta centímetros de altura. Parecia vidro, dei algumas batidas no material, mas o som era metálico. No fundo existia uma escotilha pela qual era possível visualizar o espaço. Ela não possuía nenhuma borda ou encaixe aparente. Simplesmente parecia um pedaço de vidro incrustado na parede como se tudo fizesse parte de uma única peça.

Barladell tocou no espelho e a imagem de uma cidade estranha surgiu. Naquele momento percebi que havia alguns símbolos, em alto relevo, na borda inferior do espelho, quase imperceptíveis. A tecnologia da nave era comandada através desses símbolos. Foi então que notei que eles estavam em todas as partes: nas paredes; nas laterais das portas, nas bordas das camas; nos dispositivos; nos trajes. Eles eram comandos sensíveis ao toque que lembravam os hieróglifos egípcios.

Ele apontou para a imagem e falou: “— *Este é o nosso destino, a colônia Áurea 12. Ela faz parte de um conjunto de vinte e duas colônias que ficam nos arredores do seu sistema solar. A colônia está instalada num planeta da classe Áurea que possuem gravidade,*

constituição, tamanho e atmosfera muito próxima aos padrões da Terra. Devido ao efeito de rotação síncrona com a estrela que o mantém, este planeta possui duas zonas distintas: a face interna, onde é sempre dia, com temperatura agradável e clima suave e previsível; e a face externa, onde é sempre noite, com temperatura mais baixa e clima um pouco turbulento. Na face interna, onde a colônia está instalada, você vai encontrar fauna e flora muito parecidas com as da Terra. A composição da atmosfera é diferente, mas você não terá dificuldades para se adaptar. No caso dos visitantes de Terra, não é necessário nem o uso dos respiradores”, concluiu.

Em seguida ele tocou a tela e um esquema detalhado do traje apareceu. As legendas eram incompreensíveis. “— *O traje que você está usando é um sistema simples de suporte de vida. Ele fornece, ao usuário, proteção contra radiações, temperatura e umidade. Possui sistema de comunicação, condicionamento interno de temperatura e pressão e módulo de respiração. Durante a viagem ele não deve ser retirado em momento algum. A camada interna do traje possui uma película esterilizante que elimina microrganismos e absorve o excesso de umidade deixando a pele sempre limpa e devidamente hidratada”.*

Em seguida pegou o meu braço e efetuou alguns comandos no dispositivo. A partir daquele momento Barladell começou a falar novamente. Inicialmente não consegui entender nada, mas de repente os sons começaram a fazer sentido e ele estava falando num português alto, claro e com um leve sotaque nordestino. Explicou que o dispositivo era capaz de traduzir milhares de idiomas de diversas raças. Considerando só Terra, o tradutor era seria capaz de atender mais de 15 mil línguas entre idiomas atuais, dialetos e línguas mortas. Inclusive com seus sotaques, regionalismos e até gírias.

Disse que no longo prazo a comunicação mental continua poderia causar-me sérios distúrbios cerebrais e que havia configurado o dispositivo para operar através de irradiação. O tradutor iria detectar a comunicação, traduzi-la e irradiá-la para os meus nervos auditivos através do traje. Disse ainda que eu deveria falar normalmente com qualquer outro ser da nave, ou que viesse a conhecer durante a viagem, que me entenderiam sem dificuldades. Completou dizendo que em alguns momentos a tradução poderia atrasar, ou até mesmo falhar, devido ao fato do sistema estar

calculando uma forma de traduzir algum conceito extraplanetário ainda desconhecido na Terra.

Informou ainda que o traje era capaz de efetuar pequenos ajustes no envoltório gasoso próximo as minhas narinas e que compensaria as diferentes atmosferas que eu viesse a experimentar e que a nave era programada para ajustar as condições ambientais internas de forma a atender, o mais confortável possível, a todas as raças que ali estavam.

Por isso eu deveria memorizar a posição do meu quarto para que pudesse efetuar a recarga do traje sempre que o mesmo sinalizasse essa necessidade. Segundo ele cada membro a bordo possuía um padrão específico de recarga conforme o seu planeta de origem e que bastaria entrar no quarto e aguardar alguns minutos para que ela fosse efetuada. A autonomia do traje dependeria das atividades realizadas pelo usuário, mas como um valor de referência ele suportaria até 48 horas em condições adversas ao padrão da recarga. No interior da nave, por estar num ambiente mais ameno sua autonomia seria bem maior.

Mostrou-me também qual seria minha alimentação durante a viagem. Que seria fornecida através de um dispositivo que expelia uma pasta branca alaranjada com grânulos coloridos dentro de um pequeno copo transparente de uns 10cm de altura parecido com vidro, mas de leveza incomum. A pasta tinha a consistência um pouco mais dura do que um mingau e os grânulos eram crocantes, mas a coisa toda não tinha gosto algum a não ser um leve sabor agridoce. Conforme Barladell ela possuiria todos os nutrientes e vitaminas essenciais ao meu organismo e que eu poderia consumi-la sempre que sentisse vontade.

O mesmo dispositivo forneceria também água e ela era diferente parecia ser mais fina, pois tinha uma fluidez maior. Não tinha gosto de absolutamente nada e vinha na temperatura ideal. Conforme Barladell ela seria aditivada com sais minerais essenciais ao metabolismo humano.

Antes do dispositivo expelir qualquer coisa ele emitia uma luz vermelha que varria o interior do copo e pulverizava tudo que pudesse existir lá dentro deixando-o completamente limpo. Era o mesmo sistema que fora utilizado para esterilizar o corte no meu braço.

Minhas necessidades fisiológicas seriam atendidas através de uma espécie de vaso sanitário que possuía um gel azulado em seu interior, que nunca era renovado. Após utilização, os dejetos penetravam no gel, o qual era varrido pela luz vermelha que desintegrava tudo em seu interior eliminando dessa forma todos os resíduos e odores desagradáveis. Barladell orientou-me também a descartar, nesse mesmo vaso, todo o excedente de alimentação ou água que eu não consumisse de imediato, pois o gel permitiria que o material desintegrado fosse reaproveitado em outros processos da nave. Não tive a mínima curiosidade de perguntar em quais processos esses dejetos seriam reaproveitados.

Próximo ao vaso existia um outro dispositivo similar ao que fora usado para esterilizar o meu braço. Conforme Barladell bastaria que eu o aproximasse próximo das áreas não protegidas pelo traje para que ele efetuasse a assepsia do local. Eu poderia utilizá-lo para limpar as mãos, boca, dentes, olhos, nariz e demais áreas que achasse conveniente.

7. Tentando entender o tempo

Comecei a me sentir cansado, Barladell percebeu e disse que iria a outros afazeres e que me deixaria descansar. Me ensinou como operar algumas funcionalidades básicas do quarto através dos comandos sensíveis ao toque e retirou-se. Deitei na cama e comecei a contemplar o espaço pela pequena escotilha. A Terra não era mais visível. Ao longe ainda era possível visualizar o Sol. Apertei alguns comandos e o quarto escureceu, não totalmente, mas numa penumbra convidativa ao sono. A temperatura caiu um pouco, a escotilha fechou como se nunca estivesse estado ali e adormeci.

Acordei algum tempo depois, o quarto permanecia escuro. Levantei e sentei na borda da cama. Nesse exato momento a iluminação do quarto começou a aumentar lentamente como se algum tipo de sensor detectasse o meu despertar. A sensação de perda do tempo é muito incômoda. Você procura um relógio, uma indicação se é dia ou noite, mas não consegue se situar.

A temperatura também subiu um pouco e a escotilha reapareceu. Acredito que algum sensor no traje ou no ambiente tenha

identificado que eu havia acordado. Estava me sentindo muito bem-disposto e com fome. Fui até o dispositivo de alimentação e tomei dois copos da pasta e alguns copos de água. Foi ao vaso e testei o equipamento tirando a água do joelho.

Procurei nos meus pertences o celular que havia trazido para saber quanto tempo eu havia dormido, ver um calendário e saber que horas eram e em que dia estávamos, mas ele estava totalmente apagado. Tentei liga-lo, mas não funcionou. Olhei pela escotilha e aparentemente a nave estava parada. Era possível visualizar milhões de estrelas com uma clareza que nunca havia experimentado na Terra. Senti necessidade de andar, de esticar as pernas e saí do quarto, mas com receio sobre o que poderia encontrar na nave. Andei pelos corredores e encontrei uma criatura, um ser magro, alto de pele branca usando o mesmo tipo de traje que eu usava. Então percebi porque as dimensões da nave pareciam desproporcionais à *Barladel* e outros de sua raça. Com certeza, naquela nave, existiam seres das mais diversas estaturas.

Parei e fiquei olhando aquele ser a se aproximar. Ele parou à minha frente e perguntou se estava tudo bem. Era um rosto estranho, fino, alongado, com olhos puxados e bem escuros, nariz e boca

pequena. Não pude esconder que estava com medo, mas respondi que estava tudo bem e procurava por Barladell. Ele me indicou um caminho. Disse que eu deviria ficar calmo, pois estava entre amigos e foi embora.

Segui a indicação recebida e entrei numa sala. Nela havia uma mesa central com dez lugares. Numa das laterais existiam dois dispositivos de alimentação. Estavam conversando à mesa Barladell, Akisnum, dois outros seres idênticos ao que me indicou o caminho e um último muito semelhante a um humano. O sistema de tradução começou a falhar. De repente Barladell se virou e acenou para que me juntasse a eles. Sentei, disse oi para todos e perguntei a Barladell quanto tempo havia dormido. O ser que se parecia com um humano começou a rir e falou: “— *Quanto tempo? É Barladell, é a mesma indagação de sempre, o Tempo. Eu não aguento mais ouvir essa história. Vamos pessoal, deixem os dois conversarem em paz.* ”. Todos se despediram e retiraram-se da sala rindo. E Barladell completou: “— *Não de importância a isso! Eles só estão ansiosos para chegar em casa. Sente-se aqui e vamos conversar um pouco.* ”.

“— *Meu amigo o tempo ainda é um conceito incompleto e erroneamente compreendido na Terra. Não, vocês não são os*

únicos! Existem centenas de raças que medem o tempo da mesma forma. É apenas uma questão de evolução. O seu conceito de tempo ainda está vinculado ao seu ciclo planetário: segundo, minutos, horas, dias, meses, anos. Tudo remete a ele e isso é um processo natural. Mas o problema é que existe milhões de ciclos planetários diferentes. Dessa forma o que você considera como tempo tende a se dilatar ou a se contrair dependendo do lugar do universo em que você esteja criando uma certa relatividade na sua medição. Então o que para você pode ser considerado como horas ou dias num lugar não passam de minutos em outros ou minutos num determinado de planeta são eternidades em outros. Sem mencionar que os ciclos planetários não são uniformes e podem variar muito em decorrência de anomalias externas. ”.

“— A dificuldade de entendimento também se dá pelo fato de que os organismos tendem a alinharem o seu ciclo vital ao clico ambiental e, conseqüentemente, ao ciclo planetário. Imagine como seria viver num lugar em que você não tenha uma estrela, um sol, para delimitar os dias e as noites! E isso é uma situação mais comum do que você possa imaginar. O verdadeiro tempo é medido através da pulsação cósmica que é estável e constante em todo o universo conhecido. É ela que nos fornece um padrão de medição

preciso para viagens interplanetárias sem que haja necessidade de comunicação entre origem e destino para sincronização de informações. Esse é um conceito que a Terra precisa desenvolver para viabilizar as viagens espaciais. ”.

“— Sei que é um pouco complicado num primeiro momento, mas você irá se acostumar durante a viagem. Tente não pensar no tempo. Isso irá facilitar as coisas para você. Como referência, você dormiu o equivalente a 34h terrestres, mas para nós passaram-se apenas poucas horas. Mas não se preocupe com isso, o dispositivo tradutor irá converter as referências de tempo em horas terrestre para você. Agora relaxe e vamos até a sala de controle, quero que você acompanhe uma coisa. ”.

As palavras de Barladell realmente fizeram sentido para mim. É difícil medir o tempo quando se perde a referência, quando não se tem um Sol para determinar o que é dia e o que é noite. Ele falou em 34h de sono, mas a verdade é que eu não tinha mais a mínima noção de quanto tempo eu já estava na nave, principalmente porque naquele momento tudo era novo para mim e a novidade tende a deixar o tempo mais curto. É aquela velha impressão de que o tempo passa mais rápido quando estamos fazendo alguma coisa que gostamos.

Resolvi acatar a sugestão de Barladell e não pensar mais no tempo. Saímos da sala e caminhamos por alguns corredores. Durante o percurso perguntei quem seriam aqueles outros seres, ou aquelas outras pessoas, que estavam como ele. Respondeu-me dizendo que Akisnum era o Oficial Médico da Nave e morava em *Áurea 12*. Os dois maiores seriam Anhotep e Chinifa, provenientes de *Reticuli* e seriam cientistas encarregados de catalogar e estudar informações tecnológicas em outros planetas. E o último, o ser parecido com os humanos, seria Enyo.

A raça de Enyo seria oriunda de uma área do universo ainda não mapeada pelos cientistas de Terra e seria uma linha evolucionária da mesma raça que deu origem aos humanos da Terra, por isso a grande semelhança. Enyo seria um dos milhares de indivíduos que dividiriam o tempo entre seu planeta natal, no caso *Áurea 19*, e a Terra. Tendo como missão viver entre os humanos coletando informações para o Conselho Intergaláctico. De tempos em tempos ele voltaria a *Áurea 19* para visitar a família. Enyo atuaria na Irlanda do Norte e passaria despercebido, assim como outros, vivendo como um autêntico irlandês.

8. Salto espacial

Segundo Barladell aquela nave seria um veículo de transporte intergaláctico de carga e pessoal que fazia uma rota regular entre o sistema solar da Terra e as colônias Áureas. A passagem dessa nave pela Terra ocorria a cada seis meses e ela seria utilizada por doze raças diferentes. Disse ainda que eu não deveria esperar seres verdes com escamas, monstros bizarros, ou seres de pura energia, não que eles não existissem, mas que a constituição física dos indivíduos que eu poderia conhecer durante aquela viagem remeteria a aspectos nitidamente humanoides por compartilharem a mesma base genética. Afinal, completou ele: “— *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Não é o que dizem?* ”.

Após alguns minutos de caminhada entramos num elevador e saímos numa sala que certamente era a cabine de controle da nave. No centro existiam quatro poltronas com telas à frente formando uma meia lua. Quatro seres ocupavam as poltronas. Dois correspondiam com a descrição dos famosos *Greys*: baixa estatura, tez de tonalidade cinza claro, cabeça grande em formato triangular e grandes olhos negros. Os outros dois possuíam feições perfeitamente humanas.

Estes últimos estavam descontraídos e conversavam animadamente. Barladell fez sinal para que eu o esperasse, foi até um dos seres de aspecto humano e falou algo. Depois veio em minha direção e pediu que eu o aguardasse ali. Então entrou no elevador e retirou-se da sala.

Um dos “humanos” veio em minha direção, se apresentou como Capitão Taylor e comentou que Barladell havia solicitado que eu acompanhasse a partida da nave dali. Nesse momento um dos *Greys* se retirou da sala, então o Capitão Taylor pediu que eu ocupasse a poltrona livre para poder apreciar a visão do “salto”.

O Capitão Taylor era muito extrovertido e falava sem parar. Disse que, assim como eu, ele também havia nascido na Terra, mas não comentou em qual cidade ou país. Disse também que ia fazer 267 anos de idade e se sentia um pouco cansado pelos anos que atuou como fuzileiro nos Estados Unidos e na Europa. Eu não lhe dava mais do que 50 anos de idade. Ele explicou que iríamos fazer o salto até as cercanias de *Áurea 12* e que estávamos no aguardo de mais duas naves que iriam pegar uma “carona” conosco. Naquele momento não entendi o que ele quis dizer com isso.

Conforme o Capitão Taylor, o salto espacial era literalmente um salto feito sobre uma dobra do espaço-tempo. A nave possuía um sistema que emitia um feixe concentrado de energia eletromagnética o qual causava uma deformação na malha espaço-tempo à frente da nave. Momento em que a mesma era acelerada até próximo à velocidade da luz saltando por cima da deformação vindo dessa forma a percorrer enormes distâncias em poucos segundos. A distância a ser vencida dependeria da força do feixe de energia. Quanto mais forte, maior seria a deformação e conseqüentemente maior seria a distância. Então era comum que naves menos potentes pegassem carona no salto de naves maiores para percorrerem distâncias mais longas.

A cúpula da cabine de controle era totalmente transparente e a vista do espaço era incrivelmente nítida. Quando estava me acostumando com a bela visão externa o Capitão Taylor avisou que já estávamos prontos e iríamos efetuar o salto naquele instante. A nave emitiu externamente um rápido flash de luz seguido de uma suave vibração. Então o espaço a nossa frente começou a oscilar é uma onda de energia prateada brilhante surgiu ao longe vindo em nossa direção. Em questão de segundos ela passou pela nave e senti um súbito mal-estar. Uma sensação difícil de explicar, como se o

meu corpo estivesse sendo levemente comprimido. Assim que a onda passou a vibração cessou e ao longe surgiu, como que num passe de mágica, a imagem de um planeta de coloração levemente esverdeada. Era possível sentir que a nave se deslocava em sua direção. Então o Capitão Taylor falou: “— *Senhores passageiros, à sua frente: Áurea 12...*”. Nesse momento Barladell chegou à cabine de comando e perguntou se eu havia gostado da experiência. Disse que em algumas horas estaríamos em Áurea 12 e que eu deveria retornar para o meu quarto para descansar um pouco.

Consegui localizar o quarto sem muita dificuldade. Inclusive já estava me acostumando a ver aquelas “pessoas” de aparências diferentes a minha volta. Estava um tanto eufórico com tudo aquilo então deitei na cama e fixei o olhar na escotilha do fundo para deixar a serenidade da imensidão do espaço me acalmar. Mas o espaço é tudo, menos sereno. A todo momento pontos de luz surgiam, clarões apareciam do nada, objetos e estruturas em diversos formatos cruzavam o horizonte. Ao longe, uma nebulosa deslocava-se lentamente naquela pequena abertura da parede indicando que a nave estava se deslocando para algum lugar. Mesmo com todo aquele movimento acabei cochilando.

9. *Áurea* 12

Acordei e não sabia quanto tempo havia dormido. Novamente aquela sensação de perda do tempo incomodava. Quando levantei o quarto estava escuro, mas assim que me pôs de pé a iluminação aumentou lentamente. A escotilha que estava oculta, naquele momento, voltou a reaparecer. Repeti o mesmo ritual da primeira vez que acordei ali e fui para a escotilha apreciar a visão.

O planeta esverdeado se aproximava lentamente. Foi crescendo e crescendo até tomar toda a visão da escotilha. Fomos nos aproximando mais ainda até passarmos por uma camada de nuvens. A partir daquele ponto já era possível observar a superfície do planeta com mais nitidez. Parecia uma daquelas imagens de satélites que a gente via pela internet. Áreas de um azul escuro profundo que certamente eram oceanos, faixas de terra com muitas reentrâncias e vastas áreas verdes. Estava tudo ali e tudo era bem familiar por sinal.

Conforme nos aproximávamos a silhueta das construções ficavam mais visíveis e algo me chamou a atenção. Não existiam vastas áreas construídas, mas pequenos aglomerados incrustados no

meio de toda aquela área verde interligados por linhas retas que não saberia dizer seriam estradas ou outro tipo qualquer de construção. Descemos mais ainda e foi possível distinguir ruas e prédios. Quando estávamos no máximo a uns trezentos metros de altura a nave iniciou um lento sobrevoo pela cidade em direção a uma construção em torno da qual pairavam de oito a dez naves em forma de charuto.

Os prédios eram simples de cores claras, geralmente em tonalidades de azul, amarelo ou verde e com no máximo dez andares de altura. As janelas não possuíam nenhum tipo de moldura e pareciam ser parte integrante da parede. As construções eram bem espaçadas com muita área verde entre as mesmas. As ruas limpas e sem meio-fio dando a impressão de serem apenas largas calçadas. Não se viam postes, fios, sinais de trânsito e outras coisas que eu estava acostumado a ver nas cidades da Terra. Nas ruas muitos seres transitando, nas mais diversas aparências. Veículos de transporte parecidos com bondinhos, só que bem mais longos, transitavam a uns cinco metros de altura do solo sem qualquer tipo de suporte ou propulsão visível, eles simplesmente flutuavam no ar. Em determinado momento um ou outro veículo descia ao nível do piso, passageiros entravam ou saíam, então retornava à altura anterior e

continuava sua viagem sincronizada com os demais numa velocidade que julgo não ser superior a 40 km/h.

Ao chegarmos ao nosso destino, a nave desceu ao nível do solo e parou em uma plataforma. Nesse momento Barladell entrou no quarto segurando nas mãos um outro tipo de traje e uma bolsa. Pediu que eu trocasse os trajes e guardasse meus pertences na bolsa. Saiu do quarto dizendo que iria retornar em alguns minutos para desembarcarmos em *Áurea 12*.

Fiz a substituição do traje conforme me fora solicitado. Este último era bem mais simples e confortável. Possuía apenas um módulo de comunicação e o tradutor universal. Que, diga-se de passagem, era um recurso incrível. Apesar de estar a pouco tempo naquela nave, já havia escutado várias línguas e conseguia entender perfeitamente o que estavam dizendo e isso sem qualquer interação com o aparelho.

Barladell retornou e saímos pelos corredores da nave. Havia muita movimentação naquele momento. Saímos diretamente na plataforma do prédio por uma abertura na lateral da nave. Senti o corpo mais pesado e uma leve dificuldade para respirar, mas nada

que não fosse possível se acostumar. Em outro ponto da nave estrados flutuantes faziam o embarque e desembarque de cargas. A nave era uma coisa colossal. Do tamanho de um desses navios de carga. Aparentemente era oval e prateada. Não era possível identificar as escotilhas ao longo da estrutura nem outro tipo qualquer de abertura. Ela pairava a uns dez centímetros do piso e não emitia qualquer tipo de som ou vibração. A plataforma era coberta por uma estrutura translúcida que deixava transparecer um céu verde claro de nuvens esparsas. A temperatura era agradável, acredito que em torno de 20°C e soprava uma brisa fresca com cheiro de flores no ar. No horizonte dois sóis disputavam o firmamento. Um sol grande central de tonalidade amarelada e um segundo bem menor, mas mais branco e brilhante. Além destes era possível também visualizar mais quinze ou dezesseis luas de tamanhos e tonalidades diferentes.

A plataforma estava movimentada, mas não existia correria. O semblante de todos que ali estavam, por mais estranhos que alguns parecessem, transmitiam muita calma e respeito. Alguns se abraçavam e demonstravam alegria pelo reencontro enquanto outros apenas se cumprimentavam de forma puramente formal. Fomos em direção a saída do prédio e alguém fez sinal para nós, demonstrando que já nos aguardava.

Fomos em sua direção e Barladell nos apresentou: “— *Venha meu amigo. Este é o Jorge! Ele é de Áurea 12, mas seus pais são da Terra, mais precisamente do Brasil. Ela vai lhe acompanhar durante a sua passagem por aqui. Eu tenho algumas tarefas a cumprir e não poderei acompanhá-los. Assim que terminar eu volto para lhe enviar de volta à Terra.* ”. Barladell se despediu e foi embora.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi que havia viajado milhões de quilômetros para conhecer um “Jorge”. Para mim era uma situação um tanto estranha. Mas afinal naquele momento tudo era estranho mesmo.

Durante o percurso até o exterior do prédio Jorge me explicou que era um aureano de pais terráqueos que nasceram e viveram por muito tempo no Brasil até que foram “abduzidos”, nesse momento ele até sorriu, para morar em Áurea 12. Mas que infelizmente não faziam mais parte daquele plano. Jorge, se compararmos com os anos terrestres, teria 176 anos de idade, mas aparentava apenas uns 50 e tinha uma vitalidade invejável. Apesar de sua descendência terrestre ele nunca visitou pessoalmente a Terra, mas sentia-se muito feliz em receber pessoas do orbe natal de seus pais.

Ao chegarmos à rua pode presenciar o que já havia visto lá de cima. Ruas calmas, extremamente limpas e silenciosas. Silêncio quebrado apenas pelo leve zunido dos veículos de transporte que circulavam acima de nossas cabeças. Assim como na plataforma, existia muita movimentação, mas nada de correria ou sinal de estresse no semblante dos que ali passavam. De repente um dos veículos desceu cuidadosamente a nossa frente. A porta se abriu, entramos e sentamos. Jorge me disse que em alguns minutos estaríamos em casa. Além de nós vários outros seres estavam no interior do veículo. Todos confortavelmente acomodados. Pela primeira vez foi possível identificar até crianças naquele grupo. Procurei, mas não encontrei ninguém conduzindo o veículo o que indicava que o mesmo era totalmente automatizado.



Querendo ou não somos influenciados pelas produções hollywoodianas que na maioria das vezes mostram cidades extraterrestres escuras, com prédios de alturas colossais, naves voadoras em trânsitos caóticos, bares com seres exóticos e muitas das mazelas humanas. Mas pelo menos em *Áurea 12* a realidade era bem diferente.

10. Criadores de mundos

Assim que sentamos Jorge tirou do bolso um pequeno dispositivo metálico. O mesmo foi acionado e iniciou uma projeção holográfica de um sistema solar binário com uma estrela central grande e uma segunda bem menor que orbitava a primeira. O sistema possuía vinte e dois planetas em sua órbita. Assim que a projeção iniciou ele exclamou: “— *Este é o Sistema Áurea e nós estamos aqui!* ”, apontando para um dos planetas.

Conforme Jorge o Sistema Áurea foi criado há milhões de anos quando, aproveitando o sistema binário já existente, planetas de características próximas, foram transportados e posicionados em órbitas variadas. A rotação dos planetas foi sincronizada com a estrela central, a maior, de forma que permanecessem com a mesma face virada para ela durante seu movimento de translação. O que criaria duas zonas distintas em cada planeta. Sendo assim possível criar quarenta e quatro ambientes diferentes possibilitando a migração de diversas raças distintas para o novo sistema. O fim primeiro foi de criar um sistema capaz de propiciar a integração de raças que antes viviam separadas pela vastidão do universo.

Então o que eu via no céu não eram luas, mas os demais planetas do sistema. Jorge seguiu explicando que Áurea 12 possuía uma translação de 182 dias, com dias de 36 horas. Como o planeta permanecia com a mesma face virada para a estrela central, nomeada Ignus A, os dias e as noites por assim dizer, eram definidos pelo movimento da estrela menor, nomeada Ignus B. O período do dia seria o momento em que Ignus B estaria à frente de Ignus A e o período da noite seria exatamente o oposto. Na prática o que ocorria era uma dança diária de sóis no firmamento de Áurea 12 em que Ignus A, de menor luminosidade, eclipsava Ignus B, de maior luminosidade, criando a distinção entre dia e noite. O dia era bem iluminado, assim como na Terra, mas as noites em Áurea 12 seriam como nossos fins de tarde, mas com um imenso sol opaco no firmamento.

Jorge perguntou se eu estava entendendo e sinalizei que sim. No fundo estava esperando que o dia passasse para entender melhor aquela situação. Durante o percurso vi muitas plantas e animais, alguns espécimes até bem familiares. Perguntei a Jorge e ele me disse que existiam plantas e animais nativos, mas também muitos espécimes de outros planetas. Dá Terra eu iria encontrar cachorros de

várias raças, que seriam uma espécie exclusiva da Terra apesar de existirem Lobos em outros planetas. Peixes, aves, répteis e vários outros animais inclusive alguns já extintos no nosso planeta como o Mamutes e o Tigre Australiano. Além de diversas frutas, legumes e verduras.

A cidade era bem arborizada com vários rios de água cristalina que deixavam visível uma diversidade de seres aquáticos. Áreas verdes com lagos e fontes, onde crianças de todas as espécies brincavam, também eram frequentes. Em algumas dessas áreas observei animais variados brincando ou passeando com seus donos.

As construções seguiam um mesmo padrão, todas simples de cores claras. Algumas redondas, outras quadradas ou retangulares, de seis a dez andares e com um térreo aberto que dava acesso aos elevadores. Novamente não se viam postes, lâmpadas, fios, antenas, tubulações nem qualquer tipo de sinalização. Em alguns lugares, onde um prédio mais alto projetava sombra em outro menor, notava-se uma luminescência emanando das paredes desde último.

Não era possível distinguir qualquer padrão que pudesse sugerir algum tipo de segregação. Todos pareciam pertencer a uma

mesma classe social. Nem mesmo nos prédios existiam alguma indicação externa de qual a sua serventia.

Quando chegamos aos limites da cidade que era rodeada por uma cerca de energia formado por uma grade de energia luminosa de cor azul, de oito a dez metro de altura. O veículo de transporte ganhou altitude, passou por cima da grade e entrou numa via aérea flutuante limitada por uma fluorescência branca que seguia em linha reta, por entre as copas das árvores, em direção a uma outra área construída distante. Abaixo de nós alguns trechos de mata fechada, outros de clareiras. Cursos d'água cristalina eram comuns. Muita vida animal: pássaros, répteis, animais de grande porte dos mais variados formatos e cores. Os animais nem se importavam com a passagem do transporte. Os pássaros simplesmente desviavam da via aérea flutuante e seguiam seu caminho.



Apesar de todos os esforços podemos afirmar com toda segurança que vivemos, hoje na Terra, um novo período de extinções em massa. A poluição ambiental e a destruição dos habitats naturais estão levando diversas espécies ao declínio irreversível.

11. A casa de Jorge

Aos poucos nos aproximamos de outra cerca de energia a qual findava a via aérea e passamos por sobre a mesma. O transporte perdeu altitude e agora estávamos numa outra área construída, mas esta de constituição diferente da primeira. Eram construções menores de um ou dois andares, também simples e de cores claras como as anteriores. A distribuição das construções lembrava aquelas áreas residenciais dos subúrbios americanos que a gente via nos filmes com muitas casas sem cercas ou muros. Assim como antes ruas limpíssimas sem meio-fio, postes, placas e etc. O movimento nas ruas era bem menor.

Jorge me chamou a atenção e avisou que já estávamos chegando em sua residência. Nesse momento fiquei curioso e perguntei como as residências eram mantidas já que não se via nenhuma entrada ou fonte de energia. Jorge me disse que assim como na Terra as construções e os equipamentos funcionavam com energia elétrica, mas sem a necessidade de fios. A energia era transmitida pelo ar. Cada construção possuía um gerador de ondas eletromagnéticas que se interconectavam formando uma malha

energética única. Essa malha era responsável por manter carregada as células de energia que funcionavam os equipamentos. Seria algo parecido com as nossas redes de celular. Só que ao invés de sinal para telefonia era transmitido energia para os equipamentos.

Nesse momento o veículo de transporte diminuiu de velocidade, desceu ao nível do chão e parou. Jorge me convidou a desembarcar e saímos em direção à sua residência. Era uma construção simples de cor azulada. Ao redor flores e uma grama bem cuidada, assim como nas outras residências. Na rua não havia mais ninguém e já era possível ver Ignus B se pondo atrás de Ignus A. Era o início na noite em *Áurea 12*. Entramos e meu anfitrião me apresentou a residência. Era uma construção simples de cinco cômodos internos com uma pequena varanda na frente.

A construção parecia ser feita de pedra. De uma pedra branca azulada e em peça única, pois não era possível notar nenhuma junção. As portas eram feitas de algum metal e abriam e fechavam automaticamente através de sensores que identificavam o indivíduo. As janelas eram de um material parecido com vidro, mas com a capacidade de se tornar opaco ou totalmente translúcido conforme a vontade do usuário. Nos cômodos não haviam interruptores,

lâmpadas ou qualquer sinal de instalações elétricas, apenas aqueles mesmos sinais de comando, sensíveis ao toque, em pontos estratégicos das paredes. A iluminação vinha do próprio teto que ficava luminescente assim que entrávamos num determinado ambiente. Existiam poucos móveis e era tudo muito funcional. A decoração era provida por objetos holográficos do mesmo tipo que Jorge utilizou para me mostrar os detalhes do Sistema Áurea e todos os compartimentos eram equipados com as telas de altíssima definição que eu havia visto na nave.

Um cômodo que me chamou a atenção foi o banheiro, pois além do vaso sanitário de gel azulado possuía também um chuveiro, algo que eu não esperava encontrar ali. Na cozinha, se é que posso chamar assim, perguntei a Jorge pelo dispositivo de alimentação e ele me respondeu que aquilo era apenas para viagens. Ali eles comiam comida de verdade e me mostrou um compartimento com frutas, legumes, verduras e até carnes, mas tudo totalmente estranho para mim. O compartimento, apesar de estar em temperatura ambiente era totalmente asséptico e tinham a capacidade de eliminar e inibir o surgimento ou proliferação de agentes patogênicos garantindo a qualidade do alimento por tempo indeterminado. Também me foi

apresentado um processador que tinha a capacidade de preparar os alimentos da forma que eu desejasse.

Quando estávamos na cozinha Jorge notou que eu não havia ficado muito receptivo com a aparência da comida que era totalmente desconhecida para mim. Então efetuou alguns comandos na lateral do compartimento, mas não me disse do que se tratava. Antes de sairmos, me mostrou um outro compartimento. Uma caixa com o gel azul no seu interior. Disse que deveria descartar ali todo o resto ou excedente de alimentação, pois seria o mesmo procedimento de reprocessamento utilizado na privada.

Após me mostrar todos os cômodos, inclusive o meu quarto, Jorge me convidou para descansar um pouco na varanda. Quando saímos já era noite. No céu Ignus A imponente e brilhando como uma lua cheia. Em volta os outros Áureas agora bem mais visíveis, alguns inclusive com anéis. Era uma visão magnífica sobre um fundo de infinitas estrelas e nebulosas. Ficamos ali sentados contemplando o firmamento.

De repente a temperatura cedeu um pouco e um vento úmido começou a soprar. Uma garoa desceu sobre as casas e me levantei

para apreciar melhor o espetáculo. Então notei que a água que caía não tocava a parede da construção. Algum mecanismo hidro-repelente fazia com que ela escorresse direto para o chão entre meio a um centímetro de distância das paredes as quais permaneciam totalmente secas e irradiando uma luminescência que reforçava a claridade emanada pela grande Ignus. A chuva que caía ao chão e escorria para as ruas, que não possuíam canaletas pluviais, formava um lençol de água que era nitidamente absorvido pelo próprio piso. Perguntei à Jorge e ele me disse que a aquela água era reaproveitada nos reservatórios das construções e o excedente direcionado para os rios.

A chuva fina cessou, então um pequeno veículo de transporte, de mais ou menos um metro de diâmetro, chegou voando à nossa porta trazendo uma caixa e Jorge foi logo falando: “— *Que bom que o meu pedido chegou rápido! Assim meu convidado vai se sentir em casa!* ”. Retirou a encomenda do veículo, que fez meia volta e sumiu na noite e me chamou para irmos até a cozinha onde abriu a caixa e retirou algumas frutas familiares para mim e as guardou no compartimento de alimento. “— *Pronto, agora você vai se sentir um pouco melhor com a aparência da comida!* ”, exclamou ele.

Aproveitei para comer uma ou duas bananas, uma maçã, algumas uvas e um caqui. As frutas eram extremamente suculentas e apresentavam uma textura aveludada que nunca havia provado antes. Joguei os restos na caixa de reprocessamento e o feixe de luz vermelha varreu seu interior desintegrando tudo completamente. Era um processo muito interessante. Após a refeição me senti um pouco cansado e me recolhi para descansar. Entrei no quarto, sentei na cama e fiquei pensando sobre tudo que havia acontecido até aquele momento. Quando resolvi deitar o teto parou de brilhar e escureceu, a janela ficou opaca e uma penumbra aconchegante tomou conta do quarto. Eu já estava me acostumando com toda aquela mordomia.

Resolvi relaxar e realmente descansar. A cama era extremamente confortável. Tinha uma textura difícil de descrever. Algo entre o veludo, a seda e o cetim. Parecia ser feita de gel e se moldava ao corpo dando a impressão de que se estava flutuando no ar. A temperatura do material também era agradável e constante, ela não absorvia o calor do corpo. Com tanta comodidade não tardei a adormecer.

Não sei quanto tempo dormi, mas foi o melhor sono da minha vida. Durante a noite sonhei, sonhei muito, mas como é de costume,

ao acordar não conseguia me lembrar dos detalhes só de alguns fragmentos muito estranhos. Acordei com uma leve dor no pescoço, mas não dei muita atenção. Deduzi que era apenas a tensão dos últimos acontecimentos sendo que ela passou logo. A porta do quarto abriu e Jorge apareceu. Me desejou um bom dia e me convidou a ir até o banheiro. Foi até o chuveiro e ele me ensinou a usá-lo. Perguntei sobre a toalha e ele disse que não precisava e continuou me mostrando outras funcionalidades do equipamento.

Tirei o traje que Barladell havia me entregue ainda na nave e deixei-o sobre uma bancada. Fui para debaixo do chuveiro e liberei a água. Ela caiu com uma temperatura muito agradável. Assim como a que eu havia consumido na nave, ela tinha uma fluidez maior e era um pouco estranha, mas me acostumei com a situação e continuei o banho. Assim como nas ruas não havia ralo no banheiro a água que caía era absorvida pelo piso para posterior reaproveitamento. Em dado momento, como Jorge havia me repassado, comandi o chuveiro e um líquido esverdeado foi dosado a água. Era um tipo de sabão antisséptico, que fazia até espuma. Me lavei e água voltou a correr normal. Subi um pouco mais a temperatura e aproveitei o banho relaxante.

De repente notei que o traje sobre a bancada estava vibrando de uma forma quase imperceptível e fiquei apenas olhando. Os vincos e machas de sujeiras simplesmente estavam sumindo. O traje estava se auto limpando. Ao final fechei o fluxo de água do chuveiro e o mesmo passou a soprar um vento morno durante algum tempo que secou todo o meu corpo e até as paredes em volta que não eram hidro-repelentes.



Nós, humanos, somos orientados por uma cultura que valoriza demasiadamente o estético ao funcional. Os mais abastados enchem suas moradias e suas vidas com objetos sem nenhuma serventia prática a não ser a de confirmarem sua posição social. Muitos nem desconfiam, mas o verdadeiro motivo por trás disso é o estímulo ao consumo desenfreado. Quantas e quantas vezes em nossa vida trocamos de carro, de celular, de joias, de sapatos porque o outro é mais novo, mais bonito ou simplesmente porque está na moda mesmo que o antigo permaneça plenamente funcional?

12. O pão nosso de cada dia

Vesti o traje novamente e fui para a cozinha, Jorge já me aguardava. Utilizei o processador para preparar um suco e experimentei algumas frutas que Jorge estava comendo. Ele me disse que iríamos conhecer outros locais em Áurea 12 e após o desjejum sairíamos para pegar um veículo de transporte. A manhã estava mais movimentada, com várias pessoas saindo de suas casas e embarcando nos transportes que circulavam constantemente. Entramos em um deles e seguimos para uma direção diferente da anterior. Cruzamos os limites da área residencial e entramos numa outra área verde. No céu era possível observar diversas naves chegando e partindo do planeta. Perguntei a Jorge como ele ganhava a vida ali. O que ele fazia para manter a casa, para comprar suprimentos em fim, para prover o seu sustento. Jorge me olhou com um ar desalentador e murmurou, para si mesmo, que já deveria estar acostumado com isso.

Jorge me contou que ali não se “ganhava a vida”. Em Áurea e em um número incontáveis de outros planetas, se vive pela e para a coletividade respeitando-se a individualidade, as habilidades e as limitações de cada ser. O bem maior ali não era o dinheiro, que nem

existia, não era o acúmulo de bens, nem o predomínio de relações de poder, mas o conhecimento. Só o livre conhecimento proveria as condições básicas para a verdadeira evolução de qualquer raça inteligente. Naquele momento fiquei calado enquanto escutava e tentava imaginar a possibilidade de um mundo sem a figura do capital. E Jorge seguiu falando:

“— Eu sei que para você é difícil entender um mundo sem dinheiro. E isso é porque a maioria dos seus foi mentalmente escravizada para valorizar algo que no fim não tem valor algum! Algo que foi concebido como fonte de possibilidades, mas que nada mais é do que a verdadeira razão das suas frustrações. Vocês não percebem que a causa de todos os seus conflitos é a busca pela riqueza capital. Não existe religião, não existe ideologia. No final tudo se resume à busca pelo poder, pelo acúmulo de riquezas.

Vocês não buscam a cura de suas doenças porque é o certo a se fazer, mas porque é uma oportunidade de ganhar mais e mais. Se a cura não gera lucro, mesmo que traga benefícios, então a cura não interessa. Vocês não buscam avanços tecnológicos porque é o certo a se fazer, mas porque é uma oportunidade de ganhar mais e mais. Se o avanço não gera lucro, mesmo que traga benefícios, então o

avanço não interessa. Vocês não buscam soluções práticas e simples, mas as mais complicadas possíveis, porque assim podem ser vendidas por um preço maior. ”.

Jorge afirmou que soluções simples e duráveis que poderiam beneficiar milhões de seres e reduzir o consumo de recursos naturais eram propositalmente sabotadas para terem seu rendimento comprometido no intuito de garantir o consumo constante e crescente pelas massas. E assim os remédios seriam concebidos para que as doenças fossem apenas controladas e não eliminadas. Tecnologias arcaicas seriam apresentadas ao grande público como revolucionárias sem que este último soubesse que já existiam tecnologias melhores. Tudo orientado por táticas que visam o momento mais propício para lançamentos de novos produtos como forma de se alcançar o maior lucro possível.

Jorge começou a se exaltar. Falava cada vez mais alto citando outros e outros exemplos de como as pessoas da Terra vivem iludidas dando importância a valores errados. Os olhares à nossa volta já nos miravam com ar surpreso. Então Jorge calou-se de repente, baixou a cabeça, respirou fundo por alguns instantes e retornou com o semblante calmo e alegre. Fiquei aflito com aquela situação, mas

decidi não tecer nenhum comentário sobre o ocorrido. Jorge permaneceu calado por mais alguns minutos. Aquele silêncio foi providencial, pois suas palavras ecoavam na minha cabeça. Era impossível não ligar os pontos e perceber a verdade daquelas afirmações.



Muitos de nós, humanos, nos orgulhamos por viver em democracia. Onde a liberdade e a igualdade de direitos e deveres teoricamente seriam a base do sistema. Mas quem detém o capital tem mais liberdade, tem mais direitos e bem menos deveres. Então a balança da democracia não pende igual para todos. Sem o capital não temos liberdade, sem o capital não temos direitos, sem o capital só temos deveres. Então qual é a verdadeira base do nosso sistema?

13. Alimentando milhões de bocas

Perdido em meus devaneios não me dei conta que já estávamos sobrevoando outra área construída. Era diferente da área que desembarcamos ao chegar em *Áurea 12*. Os prédios eram altos, quadrados, metodicamente distribuídos e com paredes translúcidas que deixavam visível o interior. Passávamos à meia altura dos mesmos e era possível ver os cultivos hidropônicos, acredito eu, das mais variadas frutas e verduras, sendo realizados por inúmeros seres.

No térreo dos prédios os pequenos veículos redondos de transporte entravam e saíam constantemente. A regularidade das construções só era quebrada quando passávamos por algumas áreas abertas onde animais diversos de pequeno porte eram mantidos entre cercas de energia. Os prédios ao lado dessas áreas não possuíam paredes translúcidas. Acredito que seriam utilizados para abater e processar a carne dos animais.

Alguns dos prédios eram nitidamente depósitos e acomodavam vários compartimentos para guarda de alimentos do mesmo tipo utilizado na casa de Jorge, só que maiores. Por mais que eu

procurasse não se percebia nos prédios salas individuais, escritórios ou qualquer ambiente desse tipo. Também não se notava nenhum tipo aparente de hierarquia. Todos pareciam saber exatamente o que estavam fazendo.

Em alguns prédios era possível notar certas áreas internas com mesas, cadeiras e projetores holográficos onde as pessoas conversavam. Certamente seriam áreas comuns de descanso e alimentação. Jorge me explicou que, idênticos àquele, existiriam mais dois centros de processamento de alimentos em *Áurea 12* e que eles seriam ampliados conforme o crescimento populacional. As plantas e animais ali processados seriam versões geneticamente aprimoradas de espécies nativas, ou não, para o consumo das raças que viviam no planeta. Nesses centros também era processada a comida utilizada nas naves espaciais, aquela pasta de sabor agridoce.



A necessidade de novas áreas para o cultivo de alimentos e criação de corte é crescente na Terra, mas se consideramos a quantidade de comida que é desperdiçada todos os dias, a quantidade cada vez maior de pessoas que sofrem com o mal da obesidade, será que realmente precisamos de mais áreas ou apenas de uma distribuição mais justa e um consumo mais consciente?

14. A educação nas estrelas

Seguindo nossa viagem chegamos numa outra área construída. O transporte parou e descemos em frente a um prédio. Era uma construção de dois pavimentos com áreas fartamente arborizadas em seu entorno onde muitas crianças brincavam sendo observadas e orientadas por adultos. Outros prédios próximos seguiam a mesma configuração, mas com formatos diferentes. Ao descer do transporte Jorge comentou: “— *É aqui que tudo começa!* ” e me convidou a entrar no prédio. Internamente era uma construção ampla, bem iluminada e ventilada. Corredores longos levavam a várias salas onde existiam casulos flutuantes parecidos com divãs, trinta ou quarenta em cada sala. Crianças corriam pelos corredores e o silêncio não era uma característica daquele lugar.

Um adulto passou por nós com um grupo de crianças em fila indiana no seu encalço. Eles entraram numa sala e nos apresamos para ver o que iria acontecer. Uma das crianças se dirigiu a um dos casulos que abriu lentamente. Internamente o mesmo reluzia num tom branco e suave e parecia ser muito confortável. Ela entrou,

acomodou-se e o casulo fechou. As demais crianças seguiram o mesmo ritual até ficar na sala somente eu, Jorge e o monitor.

Nesse momento ele se retirou e Jorge me explicou o que estava acontecendo: “— *Estes são módulos de aprendizagem! Lá dentro as crianças são induzidas a um estado alterado de consciência e desligam-se totalmente dos estímulos externos. Nesse momento todos os seus sentidos estão direcionados para a recepção de novos conhecimentos. Os módulos também são utilizados para testar os conhecimentos repassados em aulas anteriores. Cada criança segue um programa único e exclusivo que dosa os conhecimentos conforme suas aptidões e limitações. Não existem séries, nem grades curriculares genéricas. O ritmo dos estudos é determinado pelo desempenho do próprio aluno cabendo aos adultos apenas o encargo de monitorar os resultados.* ”.

Seguimos para uma segunda sala onde as crianças acabavam de sair dos módulos. Indaguei a Jorge se a interação de tantas raças diferentes não dificultava o processo e ele disse que não, que a diversidade de culturas aprimorava e contribuía de forma positiva para o aprendizado e evolução de todos. Naquele momento perguntei a uma das crianças que saía da sala, de aparência muito exótica, o

que havia estudado. Ela olhou para mim, riu e disse de forma singela que não sabia, então saiu correndo atrás das outras crianças.

Jorge percebeu minha curiosidade e complemento: “— *Elas simplesmente não sabem o que lhes foi repassado nas aulas. Elas só sabem que apreenderam algo novo e nada mais. Após as aulas elas vão para as áreas externas e os monitores desenvolvem atividades lúdicas em grupos predeterminados que remetem aos conhecimentos recém adquiridos. Assim as novas informações vão aflorando e sendo fixadas de forma também inconsciente. Elas aprendem brincando!* ”.

E realmente nem parecia que as crianças estavam em uma escola. Tudo era um eterno recreio. Conforme Jorge, se comparássemos aos padrões da Terra, um adolescente que estivesse terminando o ensino médio, por exemplo, em Áurea 12 já teria acumulado conhecimentos a nível de doutorado em diversas áreas do conhecimento tais como: física, matemática, química, geometria, astronomia, astrofísica, ótica, acústica, mecânica, medicina e muitas outras. Inclusive sabendo se comunicar em diversas línguas diferentes. Conhecimento latente encrustado no inconsciente das crianças aguardando apenas uma deixa para vir à tona. Pelo seu

relato, quando indagado sobre algum desses temas, o aluno simplesmente experimentava uma sensação de *déjà vu* e conversava normalmente sobre o mesmo como se já possuísse anos e anos de experiência.

A introdução, por assim dizer, das informações através dos módulos era feita de forma estritamente dosada e controlada, pois o abuso no uso dessa tecnologia poderia causar efeitos colaterais indesejados aos pequenos cérebros em desenvolvimento.

Depois de mais algumas explicações saímos do prédio e andamos um pouco contemplando os lindos jardins. Jorge me levou para outra edificação onde o público agora era formado por alunos mais velhos, que poderíamos facilmente classificar como adolescentes. O prédio era bem parecido com o anterior, mas as salas não eram equipadas com os módulos de aprendizagem e sim com pequenos laboratórios onde eram realizados toda a sorte de experimentos e estudos supervisionados.

A regra ali era usar a criatividade e deixar a imaginação fluir. O conhecimento era considerado como um bem comum e os alunos eram fortemente orientados a trabalhar em equipe, a compartilhar

dúvidas e descobertas, ideias e projetos sem medo de serem prejudgados ou expropriados de seus méritos de alguma forma o que evitaria, entre outras coisas, a redundância de ideias e pesquisas pelo simples capricho dos envolvidos. O altruísmo e o senso de solidariedade também eram altamente estimulados. Os alunos eram constantemente incitados a acompanhar o desenvolvimento dos colegas e prestar-lhes auxílio antes mesmo que fossem solicitados a isso. Assim criava-se um ambiente em que o problema de um é o problema de todos. A evolução de um é a evolução de todos.

Jorge me levou a um refeitório e enquanto comíamos, em meio aos estudantes, contou que a tecnologia de absorção de água aplicada nas ruas em Áurea 12 havia nascido naquelas salas. Um projeto que certamente levaria anos nas mãos de alguns poucos, foi idealizado, projetado e disponibilizado para a coletividade em apenas alguns dias contando com a participação de mais de quinhentos alunos. Essa era uma das vantagens da difusão do conhecimento.

Então perguntei a Jorge se, em Áurea 12, o conhecimento era totalmente liberado e ele respondeu: “— *Não, não é totalmente liberado! Todo o conhecimento é amoral. É a sua consciência (apontando o dedo para mim) que irá determinar de que forma ele*

será aplicado. Então nós temos uma classificação que determina alguns pré-requisitos para que os indivíduos possam ter acesso a alguns tipos de conhecimentos. ”.



Para nós, humanos, que vivemos numa sociedade em que a competição, dita “saudável”, é imensamente estimulada desde tenra idade é quase impossível imaginar uma sociedade que funcione nesses moldes. Quanta redundância não é criada na busca por soluções de problemas comuns a várias sociedades? Quantos cientistas pesquisam ao mesmo tempo assuntos correlatos sem nunca perceberem isso? Será que as nossas descobertas não ocorreriam mais rápido se não estivéssemos preocupados em saber quem vai levar o mérito ou quem vai lucrar mais? Isso me faz questionar: será que o rápido avanço tecnológico, em várias áreas do conhecimento, nas últimas décadas foi mérito exclusivo da raça humana ou tivemos alguma “ajudinha” externa?

15. Direcionamento vocacional

Após o almoço seguimos para a última visita do dia. Fomos para um prédio em que os adolescentes mais velhos, que poderíamos classificar como adultos, participavam das mais variadas atividades em grupo. Desde atividades manuais simples até as altamente técnicas. Ali começava a vida adulta dos indivíduos em *Áurea 12*.

A participação nas atividades não era obrigatória. Cada um escolhia as que mais lhe agradavam e entravam nos respectivos grupos. Todos tinham oportunidade de participar de tudo, se assim o desejassem. Ao identificar sua vocação, por assim dizer, o indivíduo era convidado a assumir o seu papel produtivo na coletividade. Mas essa escolha não era considerada como definitiva. A qualquer momento o indivíduo poderia pleitear outra ocupação, ou até mesmo retornar à escola para conhecer novas atividades. Apesar dessa liberdade de escolhas a efetivação numa determinada função dependia da análise e aprovação de um conselho administrativo afim de equalizar os anseios individuais com as necessidades da coletividade. Para algumas atividades ou funções existiam pré-requisitos que deveriam ser atendidos.

Apesar desse sistema não garantir que os anseios individuais fossem atendidos de imediato, segundo Jorge, não existiam conflitos nem sinais de descontentamento, pois os indivíduos se preparavam para diversas atividades e nenhuma delas era discriminada. Todos tinham uma ampla visão sistêmica do seu papel na coletividade e, principalmente, a convicção de que mais cedo ou mais tarde teriam a oportunidade que almejavam em decorrência de seus méritos.

Jorge, por exemplo, em seu tempo de vida já havia atuado em doze diferentes atividades. Desde catalogador de espécimes até piloto de cargueiro interplanetário. No momento se dedicava a recepcionar visitantes de outros orbes e planejava num futuro próximo trabalhar no projeto e construção de novas edificações.



Na Terra, de forma geral, o indivíduo é preparado para desenvolver uma única atividade produtiva durante toda a sua vida. Poucos são estimulados, possuem determinação própria ou têm oportunidade para empreender outras atividades.

16. O sistema de méritos e a gestão de recursos

Aquele dia de visitas já havia chegando ao fim. Então embarcamos num veículo de transporte e iniciamos nossa viagem de retorno à residência de Jorge. Durante o percurso perguntei-lhe como os habitantes em Áurea 12 tinha acesso a casa, comida, educação, saúde, segurança e outras necessidades básicas.

Conforme sua explicação, sendo da mesma forma nos demais orbes do sistema, tudo começava com o Conselho Administrativo que seria formado por representantes de todas as raças envolvidas escolhidos entre os habitantes de maior experiência e conhecimento do planeta em questão.

Aos integrantes do Conselho não cabia pura e simplesmente a liderança da comunidade, mas também a função de mentores da coletividade. Existiam algumas regras e pré-requisitos estritos para participação do Conselho e sua principal função seria gerir o sistema de méritos e a gestão de recursos. O Conselho seria o único nível hierárquico que os habitantes deveriam obedecer formalmente.

O sistema de méritos seria um sistema que posicionava todos os indivíduos dentro de uma grade de quatro vértices: - conhecimentos, - experiências; - atitudes e - realizações. Quanto maior o nível do indivíduo nestes vértices, melhor seria o seu posicionamento na grade e maior a sua prioridade de acesso a recursos e serviços. Mas na prática, devido a educação recebida, muitos indivíduos com alta prioridade no sistema cediam lugar para outros de menor posição sem fazer qualquer tipo de cerimônia ou concessão.

O sistema, em algumas situações, poderia ter um caráter restritivo como no caso de alguns tipos de conhecimentos e recursos que só poderiam ser acessados por indivíduos com um certo nível mínimo de classificação no mesmo, mas isso por uma questão de segurança coletivo.

A gestão de recursos, outra atribuição do Conselho, consistia em combinar as atividades com as necessidades da coletividade e determinar as diretrizes de distribuição dos recursos e serviços. Se o momento exigia edificações residenciais, recursos e atividades seriam alocados para construção das mesmas.

Se o momento exigia mais comida, recursos e atividades seriam alocados para o fornecimento da mesma. Cabe ressaltar que o consumo em *Áurea 12* seria orientado para atender ao bem-estar do indivíduo e da coletividade e não para ostentação, acúmulo de riquezas ou modismos. Desta forma as atividades eram transitórias existindo apenas enquanto se necessitassem delas. Então se o indivíduo necessitasse de comida, bastava solicitar, se necessitasse de casa ou de um quarto a mais, bastava solicitar.

Prosseguindo com a conversa Jorge explicou que assim que novas tecnologias fossem sendo desenvolvidas, as mesmas eram apresentadas ao Conselho que procedia com sua avaliação, classificação e disponibilização. Se fossem de interesse comum ou trouxessem grandes benefícios para a coletividade, recursos e atividades seriam alocados para que fosse disseminada a todos o mais breve possível. Algumas regras básicas regulavam o processo, por exemplo: uma tecnologia nova só seria implantada se apresentasse alto desempenho e durabilidade. Se fosse substituição, ou melhoria de alguma já existente, deveria possuir também significativo ganho qualitativo além de ser acompanhada de um plano de reaproveitamento dos insumos utilizados na tecnologia

anterior como forma de reduzir a geração de sucata e o consumo de matéria prima.

Tudo era desenvolvido pensando-se no caráter funcional. Por isso a valorização do *designer*, tão comum na Terra, era relegado a um terceiro ou quarto plano. Sendo as estruturas de produção totalmente intercambiáveis para atender inúmeras necessidades. Como o consumo era mais controlado, ou melhor, mais consciente, os indivíduos tinham mais tempo para se dedicar ao crescimento pessoal, à família ou a outras atividades. De fato, existiam alguns que exerciam satisfatoriamente várias atividades distintas diariamente.



Novamente para nós, humanos, é difícil conceber um sistema assim. A primeira coisa que pensamos é quem vai pagar a conta, quem vai mandar em que. Mas em *Áurea 12* não existe conta, não existem “chefes”. As necessidades da coletividade não almejam o ganho de capital nem a manutenção do poder. O conhecimento é a chave de tudo. Desde as primeiras sociedades humanas até o capitalismo contemporâneo não existem conceitos terrestres que possam servir como base de comparação para o sistema adotado em *Áurea 12*.

17. Medicina avançada

Já estávamos chegando ao centro residencial e comecei a sentir o corpo cansado. Ainda não havia me acostumado com a diferença de atmosfera e gravidade e aquela situação estava cobrando o seu preço. Ao nos aproximarmos da cerca de energia, talvez pelo mal-estar momentâneo, perguntei como Áurea 12 geria a saúde de seus indivíduos e antes mesmo de finalizar a pergunta Jorge foi logo falando: “— *Antes de falarmos sobre esse assunto é necessário que você entenda que ter uma boa saúde não implica necessariamente em viver para sempre. Talvez numa sociedade em que o acúmulo de riquezas seja o objetivo principal isso faça algum sentido, pois viver mais significa acumular mais. Mas numa sociedade em que a evolução pelo conhecimento é a prioridade, o indivíduo chega a um ponto em que para dar continuidade à sua evolução percebe que terá que assumir outros níveis de existência. Muitos que chegam pela primeira vez até nós, não conseguem compreender isso. Inclusive alguns perdem totalmente a razão quando retornam para seus planetas.*”.

Jorge continuou relatando que a medicina no Sistema Áurea já tinha conseguido alcançar o controle de forma eficiente e eficaz de quase todos os agentes patogênicos conhecidos e isso junto com a tecnologia de nano-reparadores, que atuavam a nível celular, garantia uma vida livre de diversas doenças, mas o corpo físico continuava ainda suscetível aos efeitos do envelhecimento. Devido a esses avanços, se comparado com o tempo terrestre, a raça de menor expectativa de vida no Sistema Áurea alcançava a média de 324 anos e a de maior mais de 430 anos.

Conforme Jorge: “— *O corpo físico nada mais é do que uma máquina orgânica que opera a partir de uma programação, que vocês chamam de DNA, comanda por uma força vital, que vocês chamam de Alma!* ”. E prosseguiu dizendo que o indivíduo poderia nascer com alguma falha de programação ou desenvolver erros durante o seu tempo de vida. Assim, ao nascer, todos passavam por um processo de filtragem do DNA pelo qual as falhas conhecidas eram totalmente corrigidas. Esse processo era repetido mais duas ou três vezes durante a vida do indivíduo ou após longo tempo de exposição em ambientes desconhecidos ou hostis. O processo de filtragem do DNA era cuidadosamente aplicado para que possíveis

mutações, ou melhor: evoluções genéticas, não fossem erroneamente corrigidas.

Após coleta, leitura e correção do pacote de DNA um tipo especial de vírus era utilizado para efetuar a atualização da programação diretamente nas células do corpo do indivíduo. Segundo Jorge os vírus seriam organismos biológicos artificialmente criados para esta finalidade que devido ao descuido de seus criadores tornaram-se, em alguns locais, arma biológica e em outros a origem de diversas doenças. O mecanismo de desativação da atividade viral era simples e já havia sido descoberto na Terra, mas era mantido em segredo como forma de controle populacional.

Todo esse avanço excluía a necessidade de grandes hospitais. Pequenos centros de atendimento supriam as necessidades de toda a população de forma simples e rápida. Equipamentos de diagnóstico seriam capazes de identificar qualquer mal com uma taxa de quase 100% de certeza. Bactérias, fungos e outros agentes infecciosos seriam rapidamente debelados e os procedimentos cirúrgicos, quando necessários, seriam bem menos evasivos devido aos nano-reparadores.

Mesmo assim a vida eterna e a busca pela perfeição física não seriam metas. E mesmo com a expectativa de vida aumentando gradativamente com o passar do tempo, o processo natural de envelhecimento e morte seria visto como algo normal e livre de tabus.



A indústria farmacêutica é uma das maiores na face da Terra. Mesmo a saúde sendo algo de extrema importância para o bem-estar do ser humano, sem dúvida alguma, é o fator econômico que dita as regras desse jogo. E eu pergunto: o que é mais viável economicamente: desenvolver terapias que curem definitivamente os doentes ou manter, esses mesmos doentes, com medicamentos paliativos para o resto da vida?

18. Segurança áurea

Jorge parou por um instante e chamou minha atenção dizendo que já havíamos chegado em casa. Estava tão empolgado que nem havia me dado conta. Uma nova noite em Áurea 12 começava. No céu Ignus A já fazia seu espetáculo. A noite me parecia mais clara do que a anterior e no meio de todo aquele esplendor era possível visualizar a silhueta de várias naves em diversos formatos: redondas, triangulares, em forma de disco, em forma de charuto. Algo tão comum, como aviões nos céus da Terra, que não chamava a atenção de ninguém. Algumas simplesmente paradas e outras em lento movimento, mas todas perfeitamente visíveis.

Havíamos desembarcado num ponto mais distante da casa de Jorge e ele me levou para uma área livre entre as residências onde haviam muitos seres reunidos. Novamente presenciei crianças brincando, animais exóticos e vários grupos conversando sentados na grama o que lembrava pequenas reuniões familiares.

Numa das extremidades desse parque existia um lago e no centro do lago uma ilha elevada acessível por uma ponte de pedra no

estilo romano. Nessa ilha, dentro de uma estrutura que parecia uma concha acústica com paredes luminescentes, um ser de pele azulada manuseava sentado um objeto em forma de U.

Jorge me convidou em sentamos próximo à margem do lago, de frente para a ilha. Nesse momento, vendo toda aquela movimentação, perguntei a ele como era feita a segurança daqueles indivíduos se até o momento eu não havia visto nada que se parecesse com guardas ou policiais. Ele então olhou para cima e apontou para uma esfera flutuante de brilho opaco. Nesse momento me dei conta que existiam dezenas delas deslizando vagarosamente sobre nossas cabeças.

Estas esferas seriam robôs autônomos de assistência programados para vigilância e proteção. Eles possuiriam vários tipos de sensores, armamento atordoante e letal a base plasma e um sistema de inteligência artificial capaz de identificar situações diversas que pudessem colocar em risco a população em *Áurea 12*, desde pequenos ataques de animais até ameaças externas. As esferas seriam independentes, mas conforme as situações podiam agir em grupo como se fosse um único equipamento ou formar equipes com estratégias de ataque ou defesa diversificadas.

Nossa conversa prosseguiu e perguntei se existiam criminosos em Áurea 12 e ele respondeu que sim, inclusive que as esferas estariam aptas a identificar atividades criminosas. Em Áurea 12 não existiam roubos, furtos, nem agressões gratuitas. Ocasionalmente, devido à diversidade de raças no sistema, aconteciam alguns desencontros, mas os ânimos seriam logo apaziguados e se necessários os indivíduos seriam fisicamente afastados. Dentre as opções existia a possibilidade de relocação de residência ou local de trabalho para evitar o contato futuro entre as partes. A violação mais comum seria a tentativa de acesso a conhecimentos ou recursos não autorizados.

Conforme Jorge, os indivíduos flagrados em atos inapropriados seriam encaminhados a um centro de reabilitação onde as causas do desvio seriam identificadas. Se fosse algo transitório o indivíduo seria tratado e retornava a sociedade posteriormente. Se fosse identificada alguma causa irreversível o indivíduo seria desconectado desta existência. Em outras palavras: seria executado.

Naquele momento fiquei chocado com o relato de Jorge, ele percebeu isso e num tom mais sério complementou: “— *Qual a*

finalidade de se manter um indivíduo preso quando já se sabe que ele representará risco constante para a sociedade? ”. Resolvi não prolongar aquele assunto controverso para mim e ficamos calados por alguns minutos apreciando o movimento dos transeuntes.



O bem e o mal não existem, tudo é uma questão de convenção social. O que é visto como hediondo numa determinada sociedade ou num determinado período, pode ser perfeitamente aceitável em outras realidades. Se buscamos as estrelas temos que aceitar a diversidade de culturas que certamente serão muitas.

19. Arte áurea

De repente o ser que estava na ilha levantou e fez reverência aos que ali estavam. O ser acomodou-se novamente e começou a ondular as mãos no interior do objeto em forma de U o qual não possuía nenhuma corda, tecla ou botões e mesmo assim passou a emitir sons numa suave melodia. Todos se calaram e muitos deitaram na grama contemplando o céu embalados por aquele som acolhedor. Eu e Jorge copiamos o gesto e ficamos ali por vários minutos escutando a apresentação. Várias músicas foram tocadas, muitas desconhecidas para mim, mas algumas bem familiares como a Sonata ao Luar, de Beethoven, que em algumas passagens tinha ao fundo um coro de vozes angelicais que eu não conseguia identificar de onde vinham.

Não sei quanto tempo se passou, mas quando a apresentação acabou sentia uma leveza incrível, um estado de espírito diferente como se todos os problemas do mundo não existissem mais. Um sentimento tão arrebatador que é difícil descrevê-lo simplesmente com palavras. Ficamos deitados na grama por mais alguns instantes então perguntei a Jorge se existiam outras formas de arte em Áurea

12 e ele disse que sim, que existiam outras formas de arte e entretenimento.

Além da música eles teriam as artes plásticas, o teatro, a literatura, a dança e outras manifestações não muito diferentes das que eu estava acostumado a ver na Terra. A diferença fundamental era que ali, todas eram orientadas para o crescimento, para a evolução e para a integração dos seres, sendo o mesmo princípio aplicado as atividades lúdicas.



Na Terra muitas manifestações artísticas perdem um pouco de sua essência original por sucumbirem aos apelos comerciais. Basta ver o caminho que a Música vem trilhando nas últimas décadas. De composições arrojadas dignas de se ouvir e sonhar para a massificação pesada de letras medíocres com o único objetivo de arrebanhar adeptos ao consumo de bebidas, drogas e modismos em geral. É certo que isso não é um problema novo, mas na Terra algumas coisas tendem a evoluir para pior.

20. Riscos em todas as partes

Então nos levantamos e vi que vários indivíduos já deixavam o local. Saímos e caminhamos em direção a casa de Jorge e durante o caminho lhe perguntei o que quis dizer com “ameaças externas” e ele me contou a seguinte história: Há algum tempo atrás quando os robôs ainda não eram equipados com armamento letal nem programados com estratégias de ataque. Uma sonda, de uma civilização ainda desconhecida na época, adentrou o Sistema Áurea. Os sistemas de defesa entraram em prontidão, mas deixaram a mesma seguir o seu curso. Ela do espaço e de forma furtiva escaneou Áurea 6, Áurea 8 e partiu para Áurea 2.

Em Áurea 2 a sonda desceu numa área de mata, dessas que separam os nossos centros e efetuou a coleta de espécimes vegetais e animais. Logo após, seguiu para os limites de uma área residencial, parou e entrou num aparente estado de hibernação. Os robôs detectaram sua presença e entraram em formação de defesa. A sonda foi escaneada e descobriu-se que estava transmitindo informações para uma determinada área do espaço. Quando a noite chegou a sonda entrou em modo de invisibilidade, penetrou o centro

residencial e seguiu em direção a um indivíduo que se encontrava sozinho naquele momento. Os robotes perceberam a manobra, deram o alarme de invasão e procederam com a defesa atacando a sonda.

Mas o improvável aconteceu, a sonda respondeu aos ataques destruindo os oponentes. Outras unidades de defesa foram acionadas, mas não conseguiam detê-la, por não possuírem armamento adequado. Foi necessário a intervenção de um cruzador que do espaço destruiu a ameaça. Durante a batalha, em manobras evasivas, a sonda sobrevoou várias residências e vidas foram perdidas. Depois desse episódio os robôs foram melhorados e reprogramados. Vários indivíduos foram treinados para combate e autorizados a portar armamento letal e duplicou-se o número de cruzadores fazendo ronda no Sistema Áurea.



A Terra é um exemplo de que a evolução em si não traz segurança à sociedade. Quanto mais evoluímos, mais riscos encontramos pelo caminho? Hoje, além das ameaças internas, despertamos para os corpos celestes que podem nos atingir a qualquer momento.

21. Outras realidades, outras civilizações

Jorge terminou o relato e chegamos em casa. Fui para os meus aposentos, tomei um bom banho e deitei para descansar. Algum tempo depois Jorge entrou no quarto e me chamou para comermos. Eu já estava dormindo e novamente aquela sensação de perda da noção do tempo me incomodava. Acordei novamente com a dor no pescoço. Não comentei isso com Jorge e também não dei atenção a ela. Fomos para a cozinha e enquanto comíamos perguntei a Jorge se aquela estrutura social era comum entre as civilizações mais avançadas e Jorge disse e que seria uma resposta relativa.

Conforme Jorge o que eu havia presenciado em *Áurea 12* era apenas uma verdade entre centenas de outras. O universo era repleto de vida inteligente em diversos níveis evolutivos, mesmo nos ambientes mais hostis. E nós, seres de matéria densa, não estávamos nem na metade dessa escala evolutiva. Quando mencionou “nós”, Jorge deixou claro que falava de mais de vinte raças conhecidas com características humanoides.

Jorge também afirmou que o avanço tecnológico não andava necessariamente de mão dadas com o avanço social. Então eu iria encontrar no universo diversas estruturas sociais algumas mais e outras menos receptivas da mesma forma que existiam as diferenças culturais na Terra. Encontraria tecnologias muito mais avançadas do que as de *Áurea 12*, entidades baseada em outros tipos de matéria, outras formas de energia, de viagem pelo universo, de formas de comunicação.

Para algumas raças não humanoides, por assim dizer, nós não passávamos de gado, para outras meros insetos. O que impunha o respeito entre raças distintas seria o poder de retaliação. Como Jorge bem colocou nós, na Terra, não comeríamos carne de gado se este desenvolvesse a capacidade de criar armas e de se defender.

Devido a isso, na Terra, eu certamente me depararia com diversos relatos diferentes e até mesmo conflitantes de contatos com civilização extraterrestres. E isso necessariamente não queria dizer que fossem falsos. A mensagem que deveria chegar não é como vive esta ou aquela raça, mas que sim, existe vida inteligente muito além dos nossos limites e muitas delas estão dispostas a nós ajudar.

Como a evolução das raças dependeria da expansão ambiental, apesar de algumas divergências, no universo o mais comum seria o convívio pacífico e a união através do intercâmbio de tecnologias e conhecimentos. Jorge também afirmou que o planeta Terra há muito vem sendo visitado e explorado por diversas raças, inclusive algumas delas, com biótipo semelhante ao nosso, vivem normalmente entre nós. Algumas nos visitam para estudo e pesquisa, outras para sondar novos ambientes. Existem também aqueles que migraram para a Terra fugindo de cataclismos em seus planetas de origem.

Comentou também que, na própria Terra, existia outra raça que coexistia com os humanos há milhares de anos sem que esses últimos se dessem conta disso. Esta raça seria bem parecida conosco e viveria em áreas subterrâneas no interior da Terra. Muito mais avançada tecnologicamente, ela manteria contato com diversas outras raças no universo e em alguns momentos da nossa história intervieram secretamente para evitar que o pior acontecesse.

Perguntei a Jorge o motivo pelo qual o contato conosco não era feito de forma aberta. Ele me disse que existiam algumas regras que deveriam ser seguidas e que naquele momento eu não entenderia as razões de tais regras. Em resumo, disse que o contato deveria partir

de nós e não ao contrário. Que as peças deste quebra-cabeça nos seriam apresentadas constantemente e há milhares de anos. Bastaria que as encaixássemos de forma séria, responsável e aberta para que a verdade viesse à tona. Jorge finalizou o assunto dizendo que na Terra vivíamos na ignorância devido a ganância e ao jogo de poder perpetrado pelos que se diziam nossos líderes.



Com os recursos tecnológicos atuais, os cientistas estimam em bilhões o número de galáxias no universo, então numa conta simples podemos estimar em trilhões, ou até mesmo quatrilhões, o número de estrelas. Se considerarmos uma média conservadora de 2 a 3 planetas por sistema solar, imagine o número de planetas no universo! Imagine o número de civilizações, de culturas, de realidades diferentes. E isso sem mencionar os corpos celestes e seres que se encontram fora da nossa percepção sensorial. Não compreendo como ainda existem pessoas que acreditam que Deus, ou qualquer outra denominação, tenha criado tudo isso única e exclusivamente para admiração de nós, reles mortais!

22. Mais uma noite no paraíso

Terminamos nossa refeição e fomos para a varanda. No céu, Ignus A e os outros planetas Áureas tornavam a noite deslumbrante. Jorge ficou por mais alguns minutos e se recolheu logo em seguida. Eu fiquei ali sentado contemplando as estrelas e assim como na noite anterior a temperatura cedeu e uma garoa voltou a cair. Mesmo com a chuva fina o céu continuava claro sendo possível observar diversas naves cruzando o firmamento ou simplesmente paradas no espaço.

Comecei a viajar em meus pensamentos tentando conceber como era possível manter uma sociedade sem classes sociais, sem estruturas de poder, sem o capital. Uma sociedade que se sustentava apenas na busca pelo conhecimento. Percebi como seria difícil viver ali sem deixar tudo que eu havia apreendido anteriormente para trás. Como se livrar do consumismo, dos modismos, do crescimento desenfreado, da busca constante pelo acúmulo de riquezas?

Adormeci e novamente não sabia quanto tempo havia se passado. A alienação temporal é desconcertante! Durante a noite sonhei novamente com situações estranhas e quando acordei estava

no quarto. Não sei como fui parar lá, só me lembro de ter adormecido na varanda. Continuei por alguns minutos na cama tentando me lembrar dos sonhos, mas novamente só fragmentos. Ao me levantar senti novamente uma leve dor no pescoço, mas novamente não dei atenção. Pensei ser apenas o estresse de toda aquela situação.



O que é o paraíso? Para muitos pode ser o dinheiro, para alguns os momentos felizes com a família, já outros irão dizer que é uma boa casa, um bom emprego, um carro do ano. É uma questão relativa! Para a simples mosca o paraíso é apenas um montinho de excremento em que possa passar o resto da vida se deleitando. Mas uma coisa é certa, o paraíso está atrelado à percepção de realidade de cada indivíduo e hoje afirmo que o ser humano vive apenas uma pequena parte da realidade a que tem direito.

23. Retornando à realidade e além

Jorge entrou no quarto dizendo que Barladell já nos aguardava para a viagem de volta. Não fiz nenhum questionamento apenas tomei um banho, peguei a bolsa com meus pertences e fui para a cozinha. Jorge já me aguardava. Ele percebeu que eu estava um tanto decepcionado e não falou muito, apenas comemos. Na verdade, eu me sentia um recém liberto preste a voltar para o cárcere.

Deixamos a residência e fomos esperar o transporte o qual chegou rápido. O percurso de volta foi silencioso também. Eu apenas apreciava a paisagem num ar melancólico. As áreas verdes, os prédios simples, os rios, os animais, todos aqueles seres. Tudo ficando para trás. O veículo de transporte diminuiu a velocidade e começou a descer ao nível do chão, então percebi que já havíamos chegado à plataforma de embarque com suas paredes translúcidas e dezenas de naves à sua volta.

Desembarcamos do transporte, me despedi de Jorge e fui em direção a Barladell que já me aguardava há alguns metros adiante. Quando nos encontramos ele percebeu minha tristeza e perguntou se

estava tudo bem. Sinalizei que sim com a cabeça e fomos em direção a uma das naves. Durante o percurso Barladell me mostrou um par de binóculos e disse para experimentar um deles. Olhei pelo objeto e as imagens ficavam estranhas com sobras e ondulações coloridas. Perguntei do que se tratava e Barladell respondeu que aquele era um dispositivo especial que convertia grande parte do espectro eletromagnético em luz visível capaz de ser captada pelo olho humano. A aparelho seria capaz de focar em determinadas faixas de frequência o que permitia uma visão mais seletiva. Seria uma forma de mostrar o quanto éramos limitados em nossos sentidos.

Barladell olhou pelo outro binóculo e pediu que eu o copiasse. Conforme olhávamos numa certa direção ele ia explicando o que eu estava vendo. Foi possível ver a eletricidade irradiada dos prédios a qual formava uma grande malha sobre as construções; os raios cósmicos que chegavam do espaço; a energia emanada pelos seres vivos e corpos celestes; as ondas emitidas pelos sistemas de comunicação. As máquinas pulsavam e emitiam as mais variadas formas de ondas.

Em alguns momentos vultos elípticos brilhantes passavam à nossa frente. Perguntei a Barladell o que eram aquelas radiações e ele

respondeu que seriam seres de energia. Conforme explicou, esses vultos seriam entidades inteligentes de pura energia que viviam em uma dimensão paralela à nossa e seriam encontrados em todo o universo conhecido. Nós sabíamos da existência deles e eles da nossa, mas as diferenças constitucionais seriam tão grandes que contatos diretos seriam praticamente impossíveis. Eles teriam conhecimento e tecnologia para nos contatar, mas raramente o faziam. A única certeza é que seriam entidades benevolentes que de alguma forma operavam para a evolução de seres inferiores como nós.

Depois daquela experiência incrível Barladell me levou até a entrada da nave. Se despediu dizendo que tudo iria ficar bem e me deixou aos cuidados de um ser parecido com um humano, mas de pele bem clara, alto, loiro e de olhos azuis. Ele me levou aos meus aposentos. Pediu que eu vestisse o traje de viagem, que já estava sobre a cama e saiu dizendo que eu ficasse à vontade.

Não tive vontade se sair do quarto e fiquei observando a partida pela pequena escotilha da nave. Após algum tempo o rápido flash de luz denunciou que havíamos feito o salto de volta. Ao longe já era possível ver o pequeno planeta azul com sua companheira

prateada ao lado. Fui tomado por um sentimento estranho, um misto de euforia e melancolia, então resolvi dormir até o final da viagem de retorno.



Como um simples humano, preso em uma casca de sentidos limitados, a experiência de ver além dos limites é sem palavras. O nada simplesmente não existe. O universo é pura energia que se revela em variados estados físicos e de consciência. Por mais que a nossa tecnologia evolua, por mais que o homem crie máquinas extraordinárias e até mesmo se estabeleça em outros planetas, o verdadeiro avanço só se dará quando o ser humano buscar verdadeiramente a evolução espiritual.

24. Acordando de um sonho estranho

Acordei sobressaltado com o som do despertador e uma dor incômoda no pescoço. Pelas cortinas da janela passavam os primeiros raios do sol. Eram cinco horas da manhã. Permaneci deitado por alguns instantes tentando lembrar o motivo de ter ajustado o despertador para aquele horário. Levantei e sentei na lateral da cama, de repente lembrei: eu tinha uma entrevista de emprego agendada para as oito horas e não deveria me atrasar. Fui para o banheiro e debaixo do chuveiro senti um caroço estranho na parte posterior do pescoço, do lado direito, logo abaixo da orelha.

Pressionei levemente a área com a ponta dos dedos e parecia que havia um corpo estranho ali. De repente a protuberância começou a diminuir até desaparecer totalmente. Passei a mão por todo o pescoço e não sentia mais nada incomum. Fiquei ao mesmo tempo curioso e preocupado com aquela situação, mas continuei o banho normalmente. Num certo momento uma dor de cabeça lancinante me levou ao chão e passei alguns minutos atordoado debaixo d'água.

Quando consegui levantar estava um tanto desorientado, não sabia o que estava fazendo ali e as únicas coisas que passavam na minha cabeça eram rápidos flash de um sonho estranho com naves espaciais, galáxias distantes, cidades incríveis e seres extraterrestres exóticos.

Fim (Será mesmo?)